

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENGENHARIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Juliana Teixeira Gonçalves

RECICLAGEM DE RUA:

Os catadores de rua e a coleta seletiva informal

Belo Horizonte

2017

Juliana Teixeira Gonçalves

RECICLAGEM DE RUA:
Os catadores de rua e a coleta seletiva informal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Área de pesquisa: Estudos sociais do Trabalho, Tecnologia e Expertise.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Paula Antunes Lima.

Banca Examinadora:

Dr^a Sonia Maria Dias (WIEGO)

Prof. Dr. Múcio Tosta Gonçalves (UFSJ)

Dra. Jacqueline Elizabeth Rutkowski (Instituto Sustentar)

Belo Horizonte

2017

G635r	Gonçalves, Juliana Teixeira. Reciclagem de rua [recurso eletrônico] : os catadores de rua e a coleta seletiva informal / Juliana Teixeira Gonçalves. – 2017. 1 recurso online (79 f. : il., color.) : pdf. Orientador: Francisco de Paula Antunes Lima. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia. Bibliografia: f. 76-79. 1. Engenharia de produção – Teses. 2. Coleta seletiva – Teses. 3. Catador de material reciclável – Teses. 4. Trabalho informal – Teses. I. Lima, Francisco de Paula Antunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Engenharia. III. Título. CDU: 658.5(043)
-------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

UFMG

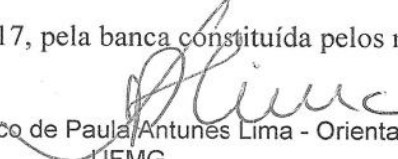
FOLHA DE APROVAÇÃO

RECICLAGEM DE RUA: Os catadores de rua e a coleta seletiva informal

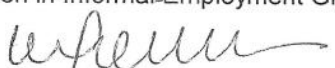
JULIANA TEIXEIRA GONÇALVES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, área de concentração PESQUISA OPERACIONAL E ENGENHARIA DE MANUFATURA, linha de pesquisa Estudos Sociais da Tecnologia, Trabalho e Expertise.

Aprovada em 15 de dezembro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Francisco de Paula Antunes Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Sonia Maria Dias
WIEGO - Women in Informal Employment Globalising a


Prof(a). Mucio Tosta Goncalves
Departamento de Ciências Econômicas - Universidade


Prof(a). Jacqueline Rutkowski
Centro Mineiro de Referência em Resíduos (CMRR)

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Tive muita sorte em toda a minha caminhada acadêmica, apareceram na minha trajetória pessoas incríveis que me fizeram cada dia mais forte. Estudar os catadores nas ruas da cidade foi um desafio enorme para mim, em alguns momentos a vivência com essas histórias de vida nos leva a profundas reflexões, o que de certa forma, carece de absorção e eu não conseguiria sozinha.

Agradeço primeiramente a mulher mais guerreira que eu já conheci, a minha mãe. O agradecimento se estende aos meus irmãos Tiago e Alessandra por ajudarem a deixar a caminhada mais leve e divertida. À Tia Shirley, Márcia e, especialmente ao André que compartilha comigo os desafios, medos e alegrias de criar nossa Alice.

À CAPES pela disponibilidade de recursos para a realização do projeto e, me ajudar no processo de dedicação exclusiva. Gratidão enorme ao meu orientador, Francisco Lima e ao professor, Rodrigo Ribeiro, coordenador do PPGE. Ambos sempre me trataram com carinho e atenção, bem como me ajudaram a enfrentar os desafios trazidos pelo mestrado. Sem palavras para agradecer o que fizeram por mim e pela confiança depositada.

Aos colegas de mestrado e todo o grupo que compõe o Núcleo AlterNativas de Produção: Larissa, Cinthia, Marcelo, William, Vivian, Adson, Viviane, Carla, Jussara dentre outros. Obrigada por compartilharem das angústias e me auxiliarem nas reflexões dessa pesquisa.

À minha banca composta pelo Professor Múcio, Jacqueline e Sonia, por me darem a honra de tê-los como avaliadores de minha dissertação. Gratidão especial à Soninha pelos conselhos e puxões de orelha nos momentos certos.

Aos meus amigos e colegas de profissão das Ciências Socioambientais, em especial ao Fernando, pelas contribuições relevantes e conversas proveitosas durante o café. Afinal, foi através de seu incentivo que entrei para o mestrado.

E finalmente, à minha pequenina Alice, minha eterna âncora que mantém meu barco firme, estável e equilibrado no mar da vida. E que mostrou que por mais difícil que seja, é preciso lutar contra a maré, pois uma hora o mar sempre se acalma e tudo passa, não importa a situação.

“Quanto ao acontecimento revolucionário, ele geralmente ocorre na rua. Isso não mostra também que sua desordem engendra outra ordem? O espaço urbano da rua não é o lugar da palavra, o lugar da troca pelas palavras e signos, assim com o pelas coisas? Não é o lugar privilegiado no qual se escreve a palavra? Onde ela pôde tornar-se “selvagem” e inscrever-se nos muros, escapando das prescrições e instituições?”.

Henri Lefebvre – A Revolução Urbana.

RESUMO

Os catadores de material reciclável são trabalhadores urbanos que utilizam do refúgio da sociedade de consumo para subsidiar um processo produtivo interno à economia urbana. Alguns catadores encontraram na formação de cooperativas e associações um modelo de organização do trabalho com melhores condições e renda. Outros catadores atuam nas ruas configurando uma atividade fora do espaço das Associações e Cooperativas e não reconhecidos pelo poder público. O aumento de pessoas na rua realizando coleta de recicláveis e a limitação do atual modelo de inclusão são aspectos problemáticos que precisam ser analisados. O objetivo do trabalho é discutir as estratégias desse grupo de trabalhadores que atuam na coleta seletiva informal nas ruas da cidade de Belo Horizonte. A tese defendida aqui é que não há um caminho único para a inclusão, é preciso construir coletivamente alternativas que orientem o diálogo e a cooperação para além dos muros das cooperativas e associações. O percurso metodológico utilizado para coleta de dados foi realizado através de observação participante, etnografia, curso da ação e *Grounded Theory*. Esse percurso permitiu uma aproximação maior dos sujeitos e um entendimento mais imerso de sua prática. Os resultados encontrados demonstram uma diversidade significativa da atividade e configurações diferentes do trabalho de catadores de rua e que os mesmos não são excluídos, pois são integrados ao mercado dos recicláveis de maneira informal. Os catadores de rua e os catadores organizados, dessa forma, fazem parte de um sistema produtivo realizando atividades que se complementam em um elo fundamental na cadeia produtiva da reciclagem. Dessa maneira, a pesquisa conseguiu trazer questões relevantes para discussão sobre os catadores de rua a partir da própria experiência deles e com a diversidade do trabalho se almeja diversidade de caminhos para cooperação entre os atores.

Palavras-chave: Reciclagem Inclusiva; Catadores; Cooperação; Inclusão.

ABSTRACT

Recyclable waste pickers are urban workers who use waste from the consumer society to subsidize a productive process internal to the urban economy. Some collectors found in the formation of cooperatives and associations a model of work organization with better conditions and income. Other scavengers work in the streets, forming an activity outside the space of Associations and Cooperatives and not recognized by the public power. The increase of people in the street collecting recyclables and the limitation of the current model of inclusion are problematic aspects that need to be analyzed. The objective of this work is to discuss the strategies of this group of workers who work in the informal selective collection on the streets of the city of Belo Horizonte. The thesis defended here is that there is no single path to inclusion, we must collectively construct alternatives that guide dialogue and cooperation beyond the walls of cooperatives and associations. The methodological course used for data collection was carried out through participant observation, ethnography, course of action and *Grounded Theory*. This path allowed a greater approximation of the subjects and a more immersed understanding of their practice. The results show a significant diversity of the activity and different configurations of the work of street scavengers and that they are not excluded, since they are integrated into the recyclables market informally. Street scavengers and organized scavengers are part of a production system that performs activities that complement each other in a fundamental link in the recycling chain. In this way, the research was able to bring relevant issues to discussion about the street scavengers from their own experience and with the diversity of the work is sought diversity of ways for cooperation among the actors.

Keywords: Inclusive Recycling; Collectors; Cooperation; Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de fluxos de produção, consumo e descarte de resíduos com inserção dos 3 Rs.....	13
Figura 2 - Fluxos de produção e atuação dos catadores de rua na gestão de resíduos em Belo Horizonte.....	27
Figura 3 - Esquematização dos tipos gerais de catadores em função da geração de renda.....	43
Figura 4 - Variáveis da categoria “renda”.....	60
Figura 5 - Variáveis da categoria “compradores”.....	61
Figura 6 - Variáveis da categoria “rota”.....	61
Figura 7 - Variáveis da categoria “equipamento”.....	62
Figura 8 - Variáveis da categoria “material”.....	63
Figura 9 - Comparativo das diferentes configurações da atividade.....	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de mulheres e homens em cada categoria de catadores.....	34
Gráfico 2 - Condição de moradia segundo categoria de catador	35
Gráfico 3 - Tipos de materiais coletados por catadores avulsos.	36
Gráfico 4 - Renda média diária dos catadores avulsos	36
Gráfico 5 - Existência de outra atividade remunerada segundo categoria de catador	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASMARE	Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis.
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações.
CPF	Cadastro de Pessoa Física.
LEV	Local de Entrega Voluntária.
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável.
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte.
PEAD	Polietileno de Alta Densidade.
PET	Polietileno tereftalato.
PMGIRS	Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos.
PSB	Partido Socialista Brasileiro.
REE	Resíduos Eletroeletrônicos.
SLU	Superintendência de Limpeza Urbana.
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais.
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro.
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	13
Capítulo 2. Histórico e Situação Atual dos Catadores	16
2.1 Dados gerais sobre catadores de rua	17
2.2 Distinção e similaridade: quem são os catadores de rua?	19
2.4 Catadores de rua em Belo Horizonte	23
2.5 Economia Urbana e os Dois Circuitos	28
2.5.1 O caso dos catadores organizados.....	29
2.5.2 O caso dos catadores de rua	31
2.6 Situação Atual: Catadores de rua e a tentativa de retrato situacional em Belo Horizonte.....	32
CAPÍTULO 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS	38
CAPÍTULO 5. RESULTADOS	42
5.1 As diferentes configurações do trabalho.....	42
5.1.1 Coletores	44
5.1.2 Catadores Eventuais.....	46
5.1.3 Catadores em tempo parcial	47
5.1.4 Catadores em tempo integral.....	51
5.2 Comparativo das diferentes configurações.....	59
5.3 Interação, Inclusão, Integração e Cooperação: Qual é a relação entre catadores de rua e associações e cooperativas	65
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, os estudos e políticas públicas que tratam da produção e destinação de resíduos sólidos se orientam pela da pedagogia dos 3R's, que inspira técnica e pedagogicamente a definição dos meios de enfrentamento da questão do lixo (LAYRARGUES, 2002).

Na concepção dos 3R's - Reduzir, Reutilizar e Reciclar –, a Redução, seja diminuir ou não gerar resíduos, implicaria mudanças na forma como as pessoas se inserem nas relações de consumo e realizam suas escolhas de compra e descarte ou desenvolvimento de produtos com princípios do ecodesign. A Reutilização é o conceito de que os objetos possuem mais de uma vida útil e que seria necessário potencializá-las ao máximo, implicando em ações voltadas para manter os produtos em uso e descartá-los quando não possível reutilizá-los. Já a Reciclagem, é a noção por último aplicada e, aconteceria apenas quando não houvesse mais possibilidade de reduzir ou reutilizar os produtos, já que ao final da sua vida útil teriam potencial para servirem como matéria-prima na indústria.

Com isso, teríamos ações de reciclagem e reutilização atuando na lógica circular de produção, consumo e descarte como podemos ver no esquema a seguir:

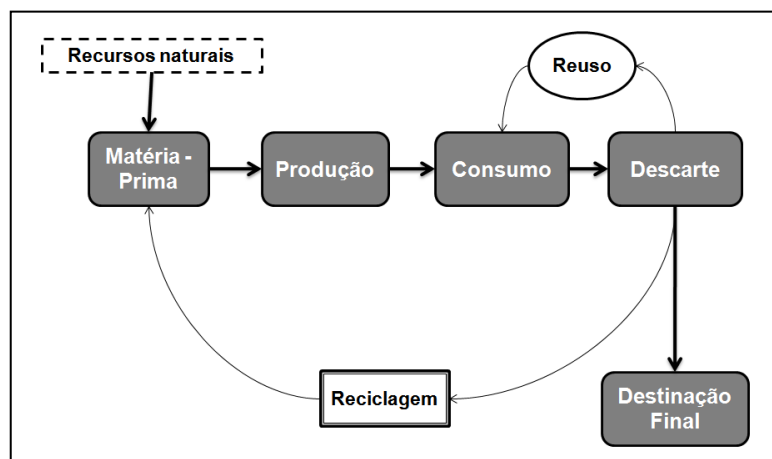


Figura 1 - Esquema de fluxos de produção, consumo e descarte de resíduos com inserção dos 3 Rs.

Fonte: Própria.

É importante considerar que os processos de Reciclagem, para serem precisas ter viabilidade técnica e econômica ao mesmo tempo. Um material reciclável tem viabilidade técnica quando existe tecnologia para transformá-lo em matéria-prima como o caso de vidro, metais, plásticos e papeis. Existem inúmeros produtos,

principalmente embalagens plásticas que, pela sua composição química, não há tecnologia para sua transformação, inviabilizando sua reciclagem. No caso da viabilidade econômica, o material reciclável basicamente precisa ter mercado e o valor pago por ele precisa ser atrativo para os trabalhadores que realizam a recuperação desses materiais no lixo urbano. Em locais onde a indústria é distante, o preço dos materiais cai devido ao custo de transporte, ou seja, mesmo sendo materiais tecnicamente recicláveis, em alguns locais a reciclagem não será economicamente viável.

Dentro da cadeia produtiva da reciclagem, em especial nos centros urbanos, existem trabalhadores que em função das atividades realizadas, são chamados de “catadores”. Uma categoria profissional que mesmo sendo realizada há bastante tempo passou a ser reconhecida oficialmente apenas no início do século XXI. Como trabalhadores urbanos, os catadores e catadoras sustentam a base da cadeia produtiva da reciclagem no Brasil e, com o passar dos anos se consolidaram como movimento social e alcançaram acesso a direitos e reconhecimento.

A atividade de recuperação de materiais advindos do lixo urbano e sua reinserção na cadeia produtiva da reciclagem se apresentam, atualmente, de duas formas dentro da economia. A primeira é um sistema organizado, com reconhecimento social e atuação na esfera política; a outra é formada por um sistema de relações de trabalho e produções informais. Não é raro encontrar proposta de inclusão de catadores em estruturas de gerenciamento de resíduos sólidos e, em especial, em propostas para a coleta seletiva.

A partir da década de 90, o termo “inclusão de catadores” surge de forma enfática na elaboração políticas de gestão de resíduos sólidos e nas discussões sobre desenvolvimento social a partir da reciclagem (JACOBI & TEIXEIRA, 1996; DIAS & MATOS, 2008; PINHEL, 2013; dentre outros). Contudo, como se efetivaria ou não a inclusão ou quais as adaptações que o modelo da reciclagem inclusiva precisa sofrer para atender as demandas do público-alvo são pouco explicitadas nesses estudos.

O Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável (MNCR) afirma que cerca de 90% dos catadores brasileiros atuam informalmente nas ruas, sendo que, em muitos municípios a atividade é realizada em lixões.

De modo geral, para fazer parte de um sistema apoiado pelo poder público, os catadores precisam se organizar coletivamente em organizações produtivas. Uma parte dos catadores até se submete a essa exigência e se beneficiam das vantagens¹ desse modelo, mas a grande maioria desses trabalhadores, no entanto, adotam formas de vida e estratégias de trabalho que são incompatíveis com os modelos de organização exigidos.

Essa pesquisa pretende imergir na prática do catador de rua, na cidade de Belo Horizonte, para entender como realiza sua atividade na cidade e suas estratégias de trabalho, fluxos de produção e dinâmicas sociais. Com esse aprofundamento analítico da atividade de catação de rua, será possível identificar elementos para ampliar o debate sobre inclusão e reconhecimento para construção de estratégias mais aderentes à realidade desses trabalhadores.

A tese defendida aqui é que não há um caminho único para promover a inclusão dos catadores. A inclusão não precisa ser apenas pela via da organização em associações ou cooperativas. Pois é um caminho muitas vezes recusado por vários catadores em função da forma de vida que são suas. Essa situação não deveria impedir, no entanto, que fossem criadas ações estratégicas para reconhecimento do trabalho de catadores na rua como parte do sistema de gestão de resíduos sólidos urbanos nos municípios.

É preciso trazer para a discussão como o serviço de coleta seletiva informal se integra ao sistema formal de gestão de resíduos e assim, criar alternativas para fomentar a cooperação entre catadores organizados, catadores de rua e a municipalidade. É fundamental reconhecer que essa interação não se resolve apenas no âmbito das cooperativas e associações.

Para desenvolver esse argumento, o texto está organizado em 4 partes. Inicialmente é feita uma contextualização geral dos sujeitos da pesquisa: catadores de rua na cidade de Belo Horizonte, tendo como marco temporal inicial os processos que culminaram na criação da primeira associação de catadores de Belo Horizonte. Além dessa revisão, ainda na parte supracitada, nos apoiamos na Teoria dos Dois

¹ Dentre as vantagens de fazer parte de uma organização de catadores (cooperativa ou associação) estão o acesso à contratação, aluguel de galpão, pagamento de alguns custos fixos e convênios.

Circuitos da Economia Urbana de Milton Santos (1979), para criar uma analogia e discutir a distinção entre catadores “organizados” e “de rua”.

Embora os catadores sejam tratados em inúmeras pesquisas e estudos, a caracterização precisa do que podemos denominar de “formas de vida”, que ainda não é bem discutida na literatura.

Para caracterizá-los recorreremos a duas análises preliminares: a primeira sobre a pesquisa da Prefeitura de Belo Horizonte com intuito de levantar informações sobre os catadores que atuam nas ruas (ou catadores avulsos); a segunda, que pretende diagnosticar preliminarmente os modelos existentes de inserção dos catadores de rua nas organizações, bem como averiguar as adaptações e alternativas encontradas por algumas entidades em Minas Gerais.

A metodologia utilizada incluiu o aprofundamento na literatura do tema; estruturação de experiências vividas na graduação em ciências socioambientais através de projetos de pesquisa e extensão; coleta de dados com utilização de ferramentas etnográficas, incluindo observação participante para a análise em teoria fundamentada; incorporando assim, os estudos realizados no programa de pós-graduação em Engenharia de Produção da UFMG, em específico na linha de pesquisa Estudo Sociais do Trabalho, Tecnologia e Expertise.

A descrição de como foi desenhado o processo metodológico, que serviu de fonte de coleta dos dados empíricos é feita em um terceiro momento para posteriormente apresentarmos os dados empíricos estruturados em categorização dos tipos diferentes de catadores e os elementos relevantes na atividade prática da catação. Aqui, a análise realizada permite formular recomendações que contribuam para o desenvolvimento de modelos de cooperação entre catadores organizados e catadores de rua, para além dos muros da cooperativa.

Capítulo 2. Histórico e Situação Atual dos Catadores

Não é raro percorrer ruas das grandes cidades e encontrar pessoas com sacos plásticos repletos de latinhas e puxando carrinhos de madeira com papeis, plásticos e “sucata”. Esses trabalhadores, que integram à paisagem urbana no

decorrer dos anos, unem nas mãos, o objeto de trabalho (lixo) a melhores possibilidades de renda e oportunidade no mercado demasiado competitivo.

O fato da atividade de recuperação de materiais ser a base para o funcionamento de todo um sistema produtivo é um dos pontos de partida que orientará a discussão central da presente pesquisa. Mas não se pode mais entender os catadores de materiais recicláveis como um todo homogêneo.

Estudos como de Freitas (2005) e Andrade (2002) demonstraram que os catadores são trabalhadores advindos de várias realidades e contextos.

A pesquisadora, Maria Vany Oliveira Freitas, realizou um estudo de histórias de vida de catadores de rua na transição para Asmare, abordando um momento histórico específico e determinado, onde descreve diversos elementos para discussão sobre a situação dos catadores de rua, em especial, registros históricos de exploração e condições de trabalho (FREITAS, 2005). Já Heloísa Smitch Andrade ao fazer uma reflexão categórica sobre a vida na Rua em Belo Horizonte na década de 90 e compõe de forma ampla, análises importantes do contexto da população de rua, porém, não realiza uma abordagem mais aprofundada sobre o universo dos catadores de rua (ANDRADE, 2002).

Os estudos teóricos identificados, não oferecem o aprofundamento necessário para compreender como o trabalho da reciclagem de rua realizado pelos catadores, se integra à sistemas de gestão de resíduos das cidades. A pesquisa, então, traz uma abordagem junto dos catadores de rua, ressaltando suas dinâmicas e estratégias para entender o papel desses trabalhadores na gestão de resíduos da cidade.

2.1 Dados gerais sobre catadores de rua

A atividade realizada pelo “Catador de material reciclável” se torna uma prática visível nos bancos de dados públicos. A partir de 2002 com a inclusão do registro no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CRIVELLARI et al., 2008) sob o número 519.205, a função de catador foi caracterizada pela ação de catar, selecionar

e vender materiais recicláveis. No entanto, para que os catadores sejam vistos nas plataformas de dados² eles precisam se autodenominar dessa forma. Na prática, a pessoa realiza as atividades referentes à ocupação, mas nem sempre considera essa ocupação como parte de sua identidade profissional. Catar material reciclável se compara a um “bico” ou alguma função fora dos padrões de trabalho socialmente aceitos, causando vergonha ou constrangimento na ação de catar, selecionar e vender materiais recicláveis.

Dessa maneira, os bancos de dados que utilizam da “autodenominação” como metodologia de coleta de informações vão identificar apenas o universo de pessoas, que já possuem identidade profissional ou que supostamente não teriam “vergonha” dessa autodenominação.

O resultado são bancos de dados bastante imprecisos tanto sobre os catadores, quanto sobre a capacidade de escoamento da produção para movimentação da cadeia produtiva da reciclagem. Até o momento, não há regulação urbana que consiga monitorar o fluxo comercializado fora do ambiente das cooperativas e, até dentro do sistema de gestão de resíduos e da coleta seletiva, os dados são imprecisos. Em Belo Horizonte, por exemplo, a taxa calculada de geração de resíduo é por quantidade coletada e se existe algum “desvio”³, ele não é contabilizado.

Os que temos sobre catadores, afinal, são dados parciais e ainda sim, com suas limitações conseguem fazer emergir questões abrangentes e que demonstram a heterogeneidade desse universo. Em 2006, com a classificação estatística dos catadores advinda do número no CBO, na Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), índices permitiram acessar dados de que naquele ano, o Brasil teria 229.568 catadores (SILVA et al., 2013) espalhados pelas 5 regiões do país. Como é um método pouco

² Como podemos ver nos estudos de Crivellari et al (2008) em que a partir do número da CBO, os catadores “aparecem” nos bancos de dados públicos e possibilita análise direcionada à políticas públicas, embora pouco utilizado.

³ O desvio acontece quando o resíduo gerado vai direto para comercialização sem passar pelo sistema de coleta da prefeitura, quando catadores coletam os materiais antes da coleta formal ou quando os próprios moradores separam seus resíduos para serem comercializados.

utilizado, não temos exercícios estatísticos que traçar série histórica ou uso dessas bases de dados para elaboração de políticas ou programas governamentais.

A dificuldade de se ter um número exato de catadores nessas pesquisas se dá por diferentes limitações, mas podemos destacar duas principais: o problema da identificação e a localização da entrevista (SILVA et al., 2013). As entrevistas são realizadas por domicílio e não contemplam dados de moradores de rua. Outro problema é que os catadores nem sempre se autodenominam assim, alguns optam por informar “trabalho autônomo” ou informam outra atividade que realizam que sofre menos estigmatização social, o que causa essa invisibilidade e a consequente, subnotificação da atividade nesses bancos de dados.

2.2 Distinção e similaridade: quem são os catadores de rua?

Em uma pesquisa com catadores de Porto Alegre, Silva & Michelotti (2009) ressaltam que a luta dos catadores por reconhecimento revela certa ambiguidade. Devido à orientação, ações e estratégias de reconhecimento por distinção em um cenário do qual é preciso distinguir-se para ser socialmente reconhecido e valorizado, essa ambiguidade é marcada por:

(...) de um lado, a busca universalista do reconhecimento da dignidade e dos direitos de um segmento social submetido a condições extremas de carência e estigmatização; de outro, um esforço para distinguir-se de outros que se situam na mesma posição de subalternidade, estabelecendo uma intensa competição pelo acesso a determinados bens materiais e simbólicos escassos (SILVA&MICHELOTTI, p. 469, 2009).

As lutas por reconhecimento, neste caso, revelam a ambiguidade (reconhecimento da dignidade X distinção), mas é importante destacar o caráter não intencional, pois há um objetivo prático deste conflito por distinção. Os discursos dos atores são incorporados e ressignificados por duas formas de distinção. Essa segmentação estaria relacionada às diferentes características dos grupos e aos valores distintos, separando catadores “organizados” e “não organizados” (SILVA & MICHELOTTI, 2009).

Essa distinção é destacada tanto na literatura (JACOBI & TEIXEIRA, 1996; DIAS, 2002; BURGOS, 2008; VANY & NEVES, 2008 e PINHEL, 2013), quanto nos discursos de representantes do poder público e do movimento dos catadores. No caso

do poder público, os discursos são incorporados por uma exigência burocrática de organização coletiva e dificuldade de lidar institucionalmente com um indivíduo independente. Enquanto o Movimento dos catadores considera a organização em cooperativas como via primordial para o reconhecimento do trabalho e base para organização política e empoderamento desses trabalhadores.

Essa distinção reflete ao mesmo tempo reproduz barreiras e classificações institucionais. O catador individual que trabalha na rua não poderia fazer parte de um sistema de gestão de resíduos, devido a seu caráter “individual” ou “não coletivo” e, por isso, ele precisaria se integrar a uma cooperativa ou associação.

O conceito de “cidadania regulada” contribui para compreender essa diferenciação e separação entre catadores. Essa categoria de cidadania está relacionada à garantia de direitos quando o indivíduo está inserido em uma profissão, restringe-se assim, aos direitos do lugar que ocupa no processo produtivo (SANTOS, 1987, p. 68). Com efeito, a cidadania regulada emerge de uma situação onde o reconhecimento social dos catadores se consolida em estratégias de distinção e não necessariamente em um modelo de reconhecimento mais universal do trabalho (SILVA&MICHELOTTI, 2009).

A categoria “catador organizado” diz mais sobre o nível de institucionalidade em que o catador está submetido do que sobre a organização do trabalho propriamente dita, como já foi mencionado. E para diversos autores que demarcaram a literatura a respeito da temática da inclusão de catadores, fazer parte de uma cooperativa e associação é ter acesso a melhores condições de trabalho, renda e reconhecimento social (JACOBI&TEIXEIRA,1996; DIAS,2002; BRINGHENTI, 2004; BURGOS, 2008; DIAS & MATOS, 2008; VANY&NEVES, 2008 e PINHEL, 2013).

Diversos autores como Viana (1992) e Freitas (2005) já revelaram a heterogeneidade dessa população de rua, que realiza a atividade de catação. Essa variabilidade reflete na dificuldade de consolidação de termos que consigam descrever ou categorizar essa população.

Em relação aos catadores que não fazem parte de organizações (cooperativas e associações), não há consenso na literatura quanto à escolha de um termo que os defina. Há uma diferenciação bastante ampla quanto aos nomes

utilizados: “*catadores não-organizados*” (SILVA, 2015; BORTOLI, 2012 e GODOY, 2009); “*catadores individuais*” (BORGES et al., 2015); “*catadores autônomos*” (SOUZA et al., 2012); “*catadores avulsos*” (RIBEIRO&BESEN, 2007; RUTKOWSKI et al., 2013), “*catadores independentes*” (SOUZA, 2012 e ZANETI, 2003) e “*catadores informais*” (SCHENINI, P. C. et al., 2006). A denominação mais recorrente é “*catadores avulsos*”, utilizado recentemente por algumas prefeituras na elaboração dos Planos Municipais de Resíduos Sólidos, como no caso de Belo Horizonte (PMGIRS-BH, 2016).

Essa instabilidade terminológica indica uma diversidade de características que já transparecem nos significados sugeridos por cada adjetivação (“individual”, “avulso”, “autônomo”, “independente” e “informal”), nenhuma delas tem conseguindo apreender a diversidade dos catadores, embora ressaltem algumas características com certa pertinência.

Termos diferentes para lidar com os mesmos sujeitos demonstram a necessidade de entendimento mais aprofundado para analisar a diversidade, sendo extremamente difícil encontrar nova palavra para resumir ou até mesmo definir.

Para superar essa dificuldade de identificação de um termo adequado, essa pesquisa propõe o termo “**Catadores de rua**”, que são, então, as pessoas que realizam a atividade de coleta nas ruas da cidade. O termo “catadores de rua” abrange tanto os indivíduos que separam e vendem os materiais recicláveis, quanto os que aparam a coleta em ferros-velhos, mais raramente há aqueles que recorrem às associações e cooperativas de catadores para selecionar e comercializar.

Existem os que realizam o trabalho de maneira informal, sem vínculo direto com organizações de catadores ou sistemas formais de coleta seletiva. Entretanto, há catadores de rua que tem relações com associações ou cooperativas realizando a comercialização conjunta, mas esses catadores não serão o foco inicial da pesquisa, mas serão considerados ao final quando forem propostas estratégias de ação mais adequadas a suas formas de vida.. O catador de rua então seria classificado pela ação de coletar material nas ruas da cidade e, a diferença entre eles tangeria apenas no destino da comercialização, ou seja, alguns vão comercializar com depósitos privados e outros vão comercializar junto com uma associação ou cooperativa.

No final da década de 80, Vieira (1992) apud Andrade (2002) realizou um estudo sobre população de rua e encontrou diferentes situações vivenciadas, que demonstra uma realidade bem diversificada. As classificações relativas à permanência das pessoas nas ruas contribuem ao entendimento da atuação dos catadores de rua. As diferentes formas de permanência na rua são:

- Há os que **“ficam nas ruas”** e que estariam nessas condições devido a circunstâncias como migração recente, busca de tratamento de saúde ou mesmo devido à situação de desemprego, entre outras circunstâncias;
- Há aqueles que **“estão nas ruas”** por hábito ao ambiente. Segundo Vieira (1992) essas pessoas já não acham a rua tão ameaçadora e estabelecem relações com outras pessoas, que vivem e trabalham na rua. Utilizam como estratégia de sobrevivência a realização de serviços como vigilância de carros e catação de recicláveis para obter renda (ANDRADE, 2002);
- Há os que **“são das ruas”**, ou seja, possuem um tempo extenso na condição da rua. Sofrem um processo de debilitação física e mental, especialmente pelo uso de álcool e outras drogas. (ANDRADE, 2002);

Considerando que existem diferentes situações e modos de estar na rua, Freitas (2009) fez um levantamento de histórias de vida dos catadores onde mostra que cada indivíduo se relaciona de maneira diferente na cidade.

Pessoas vivendo em um mesmo território, na mesma cidade, percebem e vivenciam mundos ou realidades diferentes. Os desiguais, condicionados pela carência, pela falta de oportunidades de trabalho e de reconhecimento, elaboram modos de vida que lhes permitem sobreviver na cidade, em razão de forças econômicas e sociais. Por razões de sobrevivência, centenas de indivíduos tornam-se catadores de papel e de outros recicláveis, passam a definir-se por um estilo de vida citadino, que manifesta, objetivamente, o caráter heterogêneo dos ambientes urbanos. (FREITAS, 2009, p. 52).

Entender que a rua e cidade, são vividas de forma diferentes pelos catadores e, que a prática de catação não precisa sempre ser “combatida” em práticas de “retirada da rua”. Esse foco para inclusão não produz bons efeitos e cria processos desiguais mais profundos como já colocamos aqui. Encontrar um padrão de comportamento ideal para a prática de “catador de material reciclável” não seria uma estratégia adequada para lidar com a heterogeneidade desses sujeitos e muito menos uma estratégia única de ação de inclusão consegue resultados satisfatórios.

Os catadores, então, são aqueles que *ficam na rua, estão na rua e são da rua*. Essa característica sugere que é também na rua o lugar da inclusão e não apenas dentro dos galpões de triagem. A seguir iremos fazer um levantamento histórico dos catadores de rua na cidade de Belo Horizonte, para entender como esses atores estão integrados à reciclagem de rua.

2.4 Catadores de rua em Belo Horizonte

Segundo Dias (2002) há registros históricos de atividade de catação na cidade de Belo Horizonte desde o final da década de 30. Fazendo parte da população de rua, os catadores se destacam “por terem a catação de recicláveis como uma atividade regular, com uma territorialização e uma rotina de trabalho bastante definida” (DIAS, 2002). Em 1990, surge a ASMARE (Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis), segunda organização de catadores formalizada no país (DIAS, 2002; NEVES & FREITAS, 2008 e JACOBI & TEIXEIRA, 1996). A organização e mobilização para criação da Asmare teve início em 1987, como formas de enfrentamento dos conflitos de longa duração com o poder público. Antes desse movimento de organização e mobilização, a ação dos catadores nas ruas era uma atividade criminalizada pelos órgãos municipais, com ocorrências de apreensão de materiais, carrinhos e demais equipamentos de trabalho (FREITAS, 2005).

Juntamente com o movimento em prol da organização dos catadores da Asmare, o poder público municipal passa a reconhecer os catadores como atores sociais integrados ao sistema de gestão de resíduos. Esse reconhecimento se deu através da formatação da Lei Orgânica de 21 de março de 1990. O documento elucida um novo projeto de gestão de resíduos sólidos urbanos naquela época: a coleta seletiva que prioriza o acesso dos catadores aos materiais recicláveis.

Com isso, em 1993, o Poder Público Municipal firma um convênio com a Asmare e a incorpora como parceira prioritária na coleta seletiva (DIAS, 2002). Mais tarde esse modelo receberia o nome de “coleta seletiva solidária”.

O surgimento de outras organizações de catadores no município começou oito anos depois, após a implantação da coleta seletiva pela PBH em parceria com a Asmare, já em outro contexto. Algumas organizações se formaram através de grupos

de geração de renda, grupos de moradia e trabalho e outros grupos que não necessariamente haviam tido experiência anterior com a atividade de catação. Muitos catadores egressos da rua não se adaptaram nos galpões de triagem e voltaram para sua atividade anterior, outros conseguiram fazer parte da organização mesmo com problemas de relacionamento e tendo que se adaptar às regras internas.

É preciso entender que a atividade de catador de rua e catador de cooperativa difere de forma substancial. Não é difícil entender o motivo pelo qual o catador só possui experiência em triagem, ou seja, apresenta embaraço na coleta de rua, assim como, o catador com experiência em coleta de rua pode encontrar barreiras para se inserir no ambiente de uma cooperativa. Isso acontece porque a rua e a cooperativa são ambientes de trabalho diferentes e que demandam desenvolvimento de habilidades, disciplina e estratégias de trabalho distintos.

A inclusão seria um processo de adaptação como uma via de mão dupla, onde o catador precisa se adaptar a esse novo modelo de trabalho e a cooperativa e seus cooperados precisam se adequar a esse novo membro⁴.

O programa de coleta seletiva em Belo Horizonte, em parceria com as organizações de catadores sofreu adaptações com a incorporação das outras organizações criadas dentro do município. As sete organizações de catadores que operam em nove galpões de triagem espalhados pelo território municipal, se tornaram a base para sustentação do programa de coleta seletiva.

Entre os anos 2000 e 2015 a prefeitura municipal através da Superintendência de Limpeza Urbana (SLU), operava a coleta seletiva a partir de contratação de empresas privadas. Essas empresas realizavam, então, a coleta dos materiais recicláveis em alguns bairros⁵ para destinar aos galpões das cooperativas e associações de catadores. Nos galpões de triagem há o recebimento desses materiais onde os catadores realizam os processos de triagem, prensagem e comercialização⁶.

⁴ O resgate da cidadania de populações vulneráveis seria um serviço de assistência social a ser realizado pelas cooperativas de catadores. Atualmente esse serviço não é realizado de forma estruturada, reconhecida e remunerada.

⁵ Atualmente Belo Horizonte conta com atendimento de coleta seletiva porta a porta em 32 bairros atendendo 15% da população.

⁶ Parte dos catadores que está vinculada à Asmare realizam coleta em grandes geradores e nas ruas da cidade e parte atua em um galpão de triagem. São dois modelos de trabalho bem diferentes, o primeiro mantendo algumas características dos catadores de rua: coleta e produção individual, autonomia da organização do tempo de trabalho, etc..

Em 2015, o poder público iniciou um projeto piloto de contratação de uma das organizações de catadores para realização da coleta e mobilização dos moradores em uma determinada região da cidade e, em 2017 municipalizou todo o sistema de coleta seletiva.

O modelo de coleta seletiva vigente no município até então se mostrou tolerante com os catadores de rua, que atuam na informalidade. Há um decreto vigente no município (Decreto nº 13.378/2008), que regulamenta a coleta de recicláveis, nele a atividade do catador nas ruas é considerada como atividade complementar à coleta dos recicláveis (ou coleta seletiva), e é compulsório o cadastro de todos os trabalhadores e padronização de carrinhos de coleta.

O documento ressalta que o executivo se compromete a permitir a catação nas regiões de coleta seletiva formal desde que não haja “*espalhamento de materiais em vias públicas*”. Esse decreto é o único documento formal da prefeitura que explicita uma visão da coleta seletiva informal realizada pelos catadores de rua como atividade complementar. Apesar desse reconhecimento formal, essa discussão não está presente no Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS-BH). Um dos conflitos existentes é expresso por alguns “catadores organizados” ao afirmarem sobre a competição pelos materiais recicláveis devido à ação dos catadores de rua nas (poucas) regiões da cidade onde existe o serviço de coleta seletiva formal. Essa visão é também compartilhada por técnicos da Superintendência de Limpeza Urbana que sugerem coibir a coleta informal.

Não foi constituída uma comissão intersetorial da prefeitura, que deveria deliberar sobre o assunto, conforme prevê o decreto. Na realidade, a convivência ainda não foi resolvida. Ao mesmo tempo em que existe uma formalização através de um decreto municipal que deveria orientar a formulação dos programas de gestão de resíduos e da coleta seletiva propriamente dita, o que se vê, na prática, são situações conflitantes.

Os Locais de Entrega Voluntária (LEV's) são um exemplo prático de conflito por acesso ao material reciclável. Os LEV's são equipamentos destinados a ações espontâneas da população que encaminha seus recicláveis para descarte seletivo. Além de problemas de projeto (os equipamentos são fechados, muitas vezes trancados, sem manutenção adequada e não comportam o volume destinado), os

LEV's são frequentemente visitados por catadores que rua que retiram ali materiais para comercialização.

Para o poder público, a ação destas pessoas é criminalizada e caracterizada como vandalismo. Já para os catadores organizados, essa prática é vista como “roubo”, logo, essa ação causa impacto financeiro negativo para as cooperativas e associações.

De qualquer forma existe muita disputa. Tanto entre os próprios catadores de rua, quanto entre estes e os catadores organizados. Souza (2016) aponta que a disputa por materiais recicláveis cria uma atmosfera relacionada com a condição geral de insegurança e precariedade do trabalho e ainda contextualiza dizendo que:

A desigualdade no Brasil é tão impressionante que aqui a gente tem muito miserável para pouco lixo, apesar da enorme quantidade de dejetos produzida. Isso faz com que o país seja o número um em reciclagem de latas de alumínio e um dos países que mais reciclam em geral (95% das latas de alumínio são recicladas no Brasil) (SOUZA, 2016, p. 306).

O conflito que emerge da disputa por material entre catadores organizados e os catadores de rua acontece de forma recorrente e, potencializa quando há redução na geração de resíduos em decorrência da diminuição de consumo pela crise socioeconômica. Nesse cenário, a defesa pelo privilégio de acesso a materiais recicláveis pelos catadores organizados se contrapõe a luta pelo reconhecimento da categoria. É necessário uma atuação estratégica para a reciclagem realizada pelos catadores de cooperativas e associações, a fim de não gerarem mais desigualdade e disputa.

Os catadores de rua realizavam a coleta informal antes mesmo da implantação da coleta seletiva voltada para os catadores organizados. É preciso reconhecer esse serviço já realizado e agir em função de melhoria de condições e estratégias de cooperação, ao invés da criminalização e disputa.

Por meio de observações e práticas de imersão durante a presente pesquisa, foi possível esquematizar a interação entre catadores de rua e catadores organizados e o sistema geral de produção e gestão de resíduos, que se resume no fluxograma a seguir:

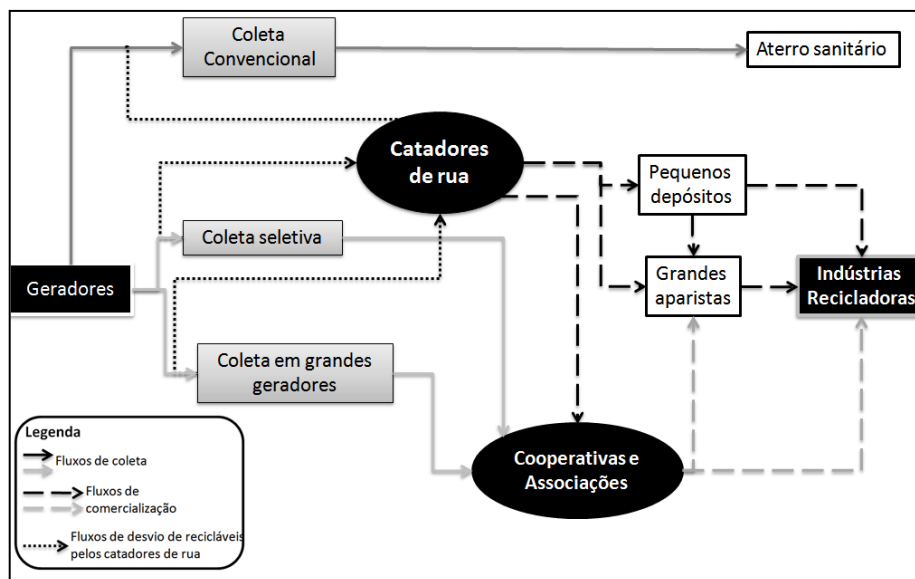


Figura 2 - Fluxos de produção e atuação dos catadores de rua na gestão de resíduos em Belo Horizonte.

Fonte: Própria.

Os resíduos são gerados por pessoas em suas diversas atividades de consumo e, são atores sociais que financiam o sistema de gestão dos resíduos com o pagamento de taxas anuais. Em Belo Horizonte é possível distinguir três serviços importantes para se considerar na discussão sobre reciclagem no município.

No primeiro, denominado *coleta convencional*, que atende a 95% da população de Belo Horizonte, alguns desses geradores (domicílios e comércio) depositam seus resíduos misturados nas ruas para serem coletados e encaminhados para o aterro sanitário. O segundo é a *coleta seletiva* formada por dois modelos, um porta a porta e outro ponto a ponto. No primeiro, as pessoas precisam separar os materiais previamente e destinarem aos pontos de coleta, já o segundo, as pessoas devem deixar os materiais recicláveis na rua de casa para *coleta porta-a-porta*.

Um terceiro serviço de coleta, comumente realizado pelas cooperativas ou associações é a *coleta em grandes geradores*. Essa coleta pode ser realizada de maneira formal, como no caso da coleta em órgãos públicos, que é realizada através de edital de habilitação previsto pelo Decreto Nº 5.940/2006⁷ ou pode ser feita uma coleta de maneira informal através de solicitação via telefone ou entrega direta.

⁷ O decreto delibera que a implantação da coleta seletiva solidária em órgãos públicos seja de caráter obrigatório. Com isso, prevê que todo órgão público federal é obrigado a implantar a coleta seletiva com destinação para cooperativas e associações de catadores através de edital de habilitação.

Os catadores de rua, então, atuam nas brechas de cada sistema de coleta. Na coleta convencional realizam a subtração dos materiais recicláveis do lixo comum que iria para o aterro sanitário. Essa é a prática mais comum haja vista que, o serviço é universal em toda a cidade. Na coleta seletiva, alguns catadores de rua também realizam coleta de alguns materiais, tanto nos pontos de coleta ou LEV's quanto nas ruas. Na coleta em grandes geradores, há uma relação estabelecida entre alguns geradores (geralmente comerciantes) e catadores.

Os atores (catadores de rua, cooperativas e associações), que mobilizam os materiais recicláveis para alimentar o setor produtivo caracterizam-se em dois circuitos na economia urbana. É importante entender, que as duas formas de recuperar os materiais recicláveis no meio urbano formam um elo importante na cadeia produtiva da reciclagem e, embora sejam analisados como uma coisa só podem ser diferenciados pela organização e uso de tecnologias (principalmente no beneficiamento).

2.5 Economia Urbana e os Dois Circuitos

A atividade de catar materiais recicláveis compõe um sistema produtivo dentro da economia urbana e pode ser analisado com ajuda da teoria dos dois circuitos de Milton Santos (1976). Na década de 70, Santos propôs essa análise no contexto de políticas liberais e, sua elaboração veio em prol de planos de crescimento baseados nos modelos dos países industrializados. A economia informal e/ou economia familiar (todas as formas marginais dentro da economia urbana) eram vistas como meras anomalias, dessa maneira, precisavam ser resolvidas. Santos, então propõe considerar os dois circuitos, sem análise dualista, como duas partes integrantes de um todo.

De modo análogo, propomos que a atividade dos catadores no contexto urbano, não seja mais analisada como um todo homogêneo e os catadores de rua como meras anomalias no sistema dentro de uma dicotomia formal-informal. Os dois atores formam dois subsistemas que compõe o mesmo sistema urbano, no caso, o sistema produtivo da reciclagem, como um dos elos do sistema global da economia urbana.

Não há dualismo nessa análise, Santos (1979) afirma que os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados. Há uma significativa interação entre os dois. A analogia nos ajuda até certo ponto, pois Santos utiliza o modelo dos dois circuitos para analisar setores econômicos mais robustos e o conjunto do espaço urbano. De qualquer maneira, sua teoria serve para o entendimento de complementaridade dos sistemas de configurações dos catadores e rompimento da dualidade formal-informal, que existe hoje na discussão sobre catadores de rua no contexto da reciclagem inclusiva.

Santos (1979) denomina os dois circuitos como inferior e superior e esses termos podem levar a uma interpretação equivocada desse modelo. Não é aplicada a noção de hierarquia ou fases de uma evolução, precisamente o que procuramos evitar aqui. Sob essa ótica, a análise do *circuito superior* de Santos servirá para caracterizar o caso dos catadores organizados enquanto as análises sobre o *circuito inferior* servirá para o caso dos catadores de rua.

2.5.1 O caso dos catadores organizados

Os catadores organizados em cooperativas e associações vão compor um circuito econômico, mas a definição não é rígida. Observam-se situações em que as pessoas vão atuar fora do circuito a que estão mais ligadas, ainda que seja apenas parcialmente ou de forma ocasional.

A primeira característica desse subsistema é o fato da organização necessitar de assumir feições burocráticas. Essas características formais, no caso dos catadores, responde à necessidade de cadastro dos associados com descrição de endereço, identidade, CPF (Cadastro de Pessoa Física), além de realização de assembleias, atas, ofícios e registro em cartórios. Esse formato contribui com os critérios formais para acesso a financiamento governamental e aporte tecnológico. Sem formalização jurídica, o acesso a convênios e demais financiamentos não seriam possíveis. A ajuda governamental se materializa em convênios para implantação de coleta seletiva, cessão de galpões e demais insumos ou mesmo financiamento para equipamentos.

Opera com volumes significativos de materiais recicláveis, tem acesso ao crédito (a grande maioria acessa recursos do BNDES e microcrédito para investimentos em equipamentos) e a acumulação (estoque) é necessária. Quanto aos valores praticados na comercialização dos materiais recicláveis, o preço dentro da cadeia produtiva é regido por 4 leis de mercado (GONÇALVES, 2003). A primeira lei é relacionada à quantidade, ou seja, grandes volumes tendem a ter maiores preços. A segunda lei diz respeito à qualidade dos materiais; os materiais precisam ser separados por cor, tipo, densidade, além disso, precisam ser prensados e enfardados para terem determinado preço. A terceira que relaciona a frequência de comercialização, ou seja, a indústria e/ou os compradores que oferecem melhores preços dão preferência a fornecedores que tem continuidade na entrega, sem interrupções. E finalmente, a quarta que tende a influenciar o preço dos materiais, segundo a autora é a forma de pagamento. As indústrias geralmente pagam num prazo que vai de 30 a 90 dias e esse prazo não condiz com a demanda de renda dos catadores. Se os catadores (tantos os organizados quanto os “de rua”) não alcançam tais critérios de mercado, ficam dependentes da venda a elos intermediários na cadeia produtiva, que conseqüentemente, pagam menos (GONÇALVES, 2003).

Considerando as leis descritas por Gonçalves (2003), no caso dos catadores organizados, o acesso a equipamentos e capacidade de estocagem são critérios que permitem alcance de melhores preços. Isso acontece porque os catadores que estão atuando nesse nível estocam material para comercializar grandes volumes, obtendo economias de escala; possuem equipamentos como prensas, balanças e galpão de triagem, sendo assim, conseguem qualidade devido à mão-de-obra especializada e hierarquizada.

Essa hierarquização reflete no modelo de organização de catadores em que os cooperados realizam diversas atividades (triadores, prensistas, balanceiros, administrativos, motoristas), tarefas que contribuem para aumentar a eficiência do processo produtivo e da mão de obra.

Os catadores organizados possuem um alto grau de dependência de propaganda, mobilização e educação ambiental. Isso se dá pelo afastamento da população e uma relação muitas vezes impessoal com os usuários do serviço. Essa relação com os usuários tende a ser distante e formal, em alguns momentos,

realizados por terceiros, como no caso da mobilização a cargo de técnicos da prefeitura e não feita pelos próprios catadores. Ao mesmo tempo em que o circuito onde os catadores organizados atuam desenvolve uma parte do setor produtivo, os catadores de rua atuam nas lacunas contribuindo para alcance de aumento da reciclagem.

2.5.2 O caso dos catadores de rua

Os catadores de rua fazem parte de um elo importante na cadeia produtiva. Atuam no chamado *mercado informal* embora também se articulem em outros circuitos econômicos. Seu modelo de organização é básico, simples, nada burocrático e muitas vezes familiar. Usam menos capital para operar. Esse sistema possui um uso de trabalho intensivo, com preços que variam constantemente, muito devido à falta de condições no atendimento as leis de mercado conforme análise de Gonçalves (2003).

A acumulação ou estoque favorece um alcance maior nos preços, mas não é realizada de forma sistematizada. Não possuem acesso ao crédito e as transações são realizadas através de dinheiro, mas também, é recorrente o uso de troca de serviços ou bens de consumo como pagamento.

Freitas (2005) demonstra nos estudos das histórias de vida de catadores que trabalhavam individualmente nas ruas e, comercializavam com depósitos ou ferros-velhos antes de ingressarem na Asmare, que ambos recebiam comida e muitas vezes, bebidas alcoólicas como forma de pagamento. Não existe ajuda do governo para desenvolver ou melhorar seu trabalho e em muitos casos, são perseguidos ou sua atividade é criminalizada.

A propaganda é feita no contato pessoal com as pessoas que geram os resíduos, no entanto, também se beneficiam da publicidade dos catadores organizados (principalmente no quesito reconhecimento pelo serviço de coleta e reciclagem nas ruas).

As atividades realizadas nesse nível são mais integradas localmente devido à presença no cotidiano da rua, na formação da identidade pública desse trabalhador, muitas vezes formando uma rede de respeito e confiança mútua junto aos moradores.

A interação entre os dois circuitos se dá através da competição ou cooperação. Alguns catadores inseridos no circuito dos catadores organizados podem manter relações de venda com o sistema informal, assim como, alguns catadores

conseguem mesmo sem terem relações formais suceder venda para organizações de catadores. Mas a competição por locais de coleta e acesso a materiais coloca em evidência o conflito por legitimidade.

A analogia com a teoria de Milton Santos (1976), se limita a trazer à tona o entendimento de que os catadores formam dois sistemas que interagem entre si na base do processo produtivo da reciclagem.

2.6 Situação Atual: Catadores de rua e a tentativa de retrato situacional em Belo Horizonte

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (lei nº. 12.305/10) prevê, dentre outras normativas, a elaboração dos planos de gestão integrada de resíduos sólidos nacionais, estaduais e municipais. Esses planos pretendem direcionar o planejamento de gestão de resíduos com metas, diretrizes e normas para proposição de cenários juntamente com diagnósticos situacionais.

Como uma ferramenta de racionalização da gestão, os pressupostos dos planos são alinhados com a construção de cenários, metas, objetivos e diretrizes. Os problemas a respeito de planos já haviam sido discutidos por Santos (1979) na década de 70, alertando sobre dificuldades de implementação efetiva das propostas previstas nesses instrumentos, em geral, devido suas concepções superficiais ou simplistas da realidade.

Um dos poucos estudos que pretendeu investigar o universo dos catadores de rua em Belo Horizonte, de forma mais aprofundada, foi a pesquisa *Inventário de Catadores de Material Reciclável*. Essa pesquisa foi um dos componentes da fase de diagnóstico na elaboração do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Belo Horizonte (PMGIRS-BH) finalizado em 2016.

A pesquisa foi executada em outubro e novembro de 2014. Uma empresa foi contratada para realizar a pesquisa, embora todas as atividades tenham sido coordenadas pela SLU. Os catadores foram separados em duas categorias prévias: “Catadores Organizados” e “Catadores Avulsos”, onde os organizados seriam aqueles que fariam parte de alguma organização de catadores e os avulsos seriam aqueles em que não são membros destas. Foram elaborados questionários para coleta dos

dados, os questionários foram diferentes para cada categoria de catador mesmo sendo demanda a comparação entre os dois tipos.

Foram aplicados 1.096 questionários, sendo validados 1.037. Desses, 834 (76%) eram catadores avulsos e 203 catadores organizados, que realizaram suas atividades nos 9 galpões de triagem das cooperativas e associações existentes na cidade de Belo Horizonte no ano citado.

Foram considerados *catadores avulsos* aqueles que assim se autodenominassem, que tivesse a catação como sua atividade principal e que estivesse realizando o trabalho nos dias e horários da realização da pesquisa. Os questionários foram aplicados em regiões indicadas pelo poder público a partir da experiência profissional de sua equipe técnica.

Embora essa importante iniciativa tenha identificado um número significativo de catadores avulsos, alguns aspectos apresentados indicam certa fragilidade, principalmente no que tange ao seu pretenso caráter censitário. O relatório analítico da pesquisa foi disponibilizado no site criado especificamente para dar transparência para dar o processo de elaboração PMGIRS-BH. As mudanças nas condições econômicas do país e também de Belo Horizonte, com agravamento da crise econômica e aumento de desemprego, permitem supor que houve uma elevação substancial no número de catadores depois da pesquisa, principalmente após 2015.

Dessa forma, os questionários estruturados em um roteiro com perguntas pré-concebidas geraram dados quantitativos trabalhados em metodologia estatística. De uma maneira geral traz algumas informações sobre esses profissionais, características gerais e perfil social desses trabalhadores. Os dados precisam ser tratados de forma criteriosa, pois são apenas um retrato de um dado momento histórico e uma realidade nada estática, que se transforma no tempo e no espaço rapidamente.

No relatório de pesquisa foram analisados uma gama significativa de variáveis que pretenderam descrever a atividade em 4 grupos temáticos: Perfil Socioeconômico, Localização dos catadores, Dinâmica da atividade e Sistemas Organizativos.

Alguns dados deste relatório foram selecionados em função da contribuição que trazem para reflexão de quem são os catadores avulsos de Belo Horizonte.

Grande parte das pesquisas voltadas para captar informações direcionadas para o poder público é composta de dados socioeconômicos, a fim de compor formulação de indicadores a serem usados em políticas públicas, o que com o inventário não foi diferente. O gráfico a seguir mostra a proporção de mulheres e homens em cada categoria de catadores investigada.

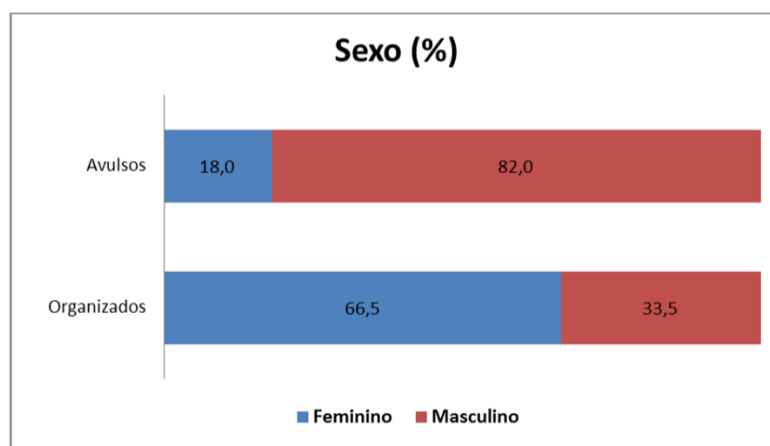


Gráfico 1 - Proporção de mulheres e homens em cada categoria de catadores.

Fonte: Inventário de Catadores. SLU/BH. Pág. 250. 2016.

Os dados mostram que 82% dos catadores avulsos entrevistados são homens. Segundo o relatório, o número inferior de mulheres se deve pelas condições de trabalho nas ruas, vulnerabilidade e carregamento de grandes volumes. No caso dos catadores organizados, a situação é inversa, a maioria (67%) são mulheres (Inventário de Catadores, SLU BH, 2016). Vale lembrar, que boa parte da organização de catadores em associações e cooperativas foi induzida por agentes públicos buscando atender demandas de um público-alvo específico: mulheres em situação de vulnerabilidade que demandavam ações de geração de renda.

As informações sobre idade foram agrupadas em faixas etárias e os dados demonstram que a população de catadores avulsos é composta de trabalhadores predominantemente adultos e, em idade economicamente ativa.

Quanto à escolaridade, 63% dos catadores avulsos entrevistados, nunca estudaram ou não concluíram o Ensino Fundamental da Educação Básica.

Dos catadores avulsos abordados 51,2% encontra-se em situação de rua, morando na rua ou dormindo em albergues na cidade. Conforme mostra o gráfico a seguir, os catadores avulsos possuem uma vulnerabilidade habitacional bastante evidente (Inventário de Catadores, SLU BH, Pág.253. 2016).Do total de catadores entrevistados, 67,8% não recebem nenhum benefício social (bolsa família, bolsa moradia, LOAS e etc.).

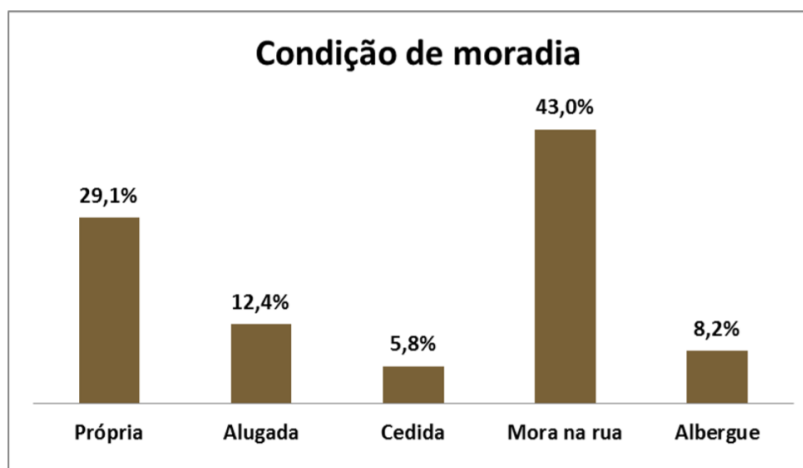


Gráfico 2 - Condição de moradia segundo categoria de catador.

Fonte: Inventário de Catadores. SLU/BH. Pág. 70. 2016.

Quanto aos dados sobre a jornada de trabalho, o turno de trabalho mais praticado é o exclusivamente diurno (58%), enquanto outros 35% dos entrevistados afirmaram que trabalham em ambos os turnos. Ao cruzar os dados de jornada de trabalho e condição de moradia, se observa que quase a totalidade dessas pessoas que trabalham em ambos os turnos (242 de 294) são moradores de rua ou dormem em albergues. O que permite identificar, que aquele catador avulso que mora na rua permanece em atividade durante todo o tempo, não havendo distinção entre o horário de trabalho e o horário de outras atividades, como convívio familiar e social, o lazer ou mesmo o descanso. Pode-se entender que há uma tendência de jornadas extensivas de trabalho na atividade.

Quanto aos tipos de materiais coletados o Gráfico 3, aduz que a latinha foi o material mais mencionado, sendo valorado por 88% dos entrevistados, seguido do Plástico (73%), Papelão (58%), Ferro (46%), Vidros (16%) e Cobre (7%). Não há informação do valor aferido pelos catadores avulsos durante a comercialização.

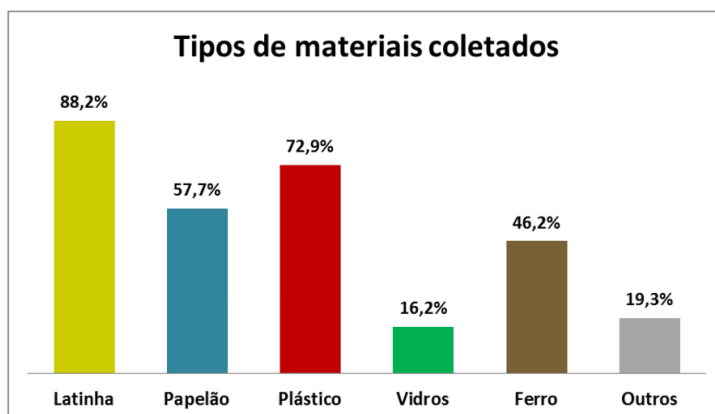


Gráfico 3 - Tipos de materiais coletados por catadores avulsos.

Fonte: Inventário de Catadores. SLU/BH. Pág.127, 2016.

O Inventário buscou analisar a produtividade dos catadores avulsos, mas cerca de 40% dos catadores entrevistados não souberam informar a quantidade mensal de material coletado. Com base apenas naqueles que souberam informar, a pesquisa indica que o catador avulso teria uma produção per capita estimada de 4,35 t/mês.

Quanto ao aspecto de armazenamento, a maior parte dos entrevistados (71%) não possui estrutura ou espaço para guardar os materiais, comercializando no mesmo dia, enquanto outros 26% guardam o material para comercialização futura.

Segundo os dados sobre renda (informada por dia), a faixa de renda que apresentou maior percentual de respostas foi de mais de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 (23,6%). As faixas de renda igual ou superior a R\$ 50,00 foram mencionadas por um número pouco significativo de trabalhadores, mas juntos, representam a remuneração de 13,5% do total de entrevistados.

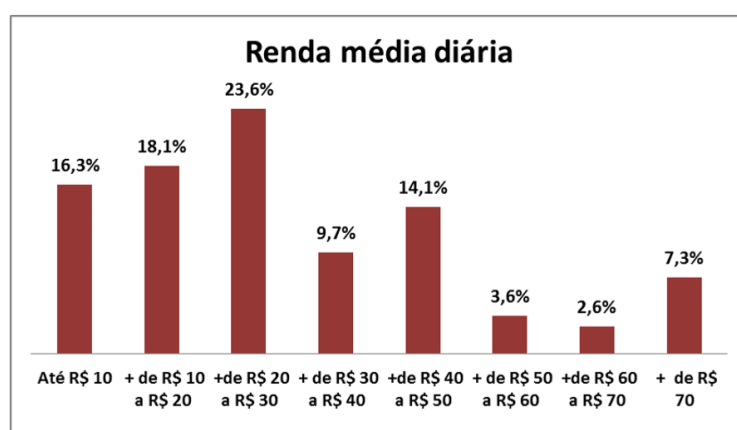


Gráfico 4 - Renda média diária dos catadores avulsos.

Fonte: Inventário de Catadores. SLU/BH. Pág. 169. 2016.

A pesquisa identificou ainda, que 90% dos catadores avulsos informa ter outra atividade remunerada, de forma que a renda descrita anteriormente não é a única para o sustento desses trabalhadores. Diferentemente, entre os catadores organizados o percentual de trabalhadores com outra atividade laboral é de apenas 10%, indicando ser essa a única renda desses trabalhadores.

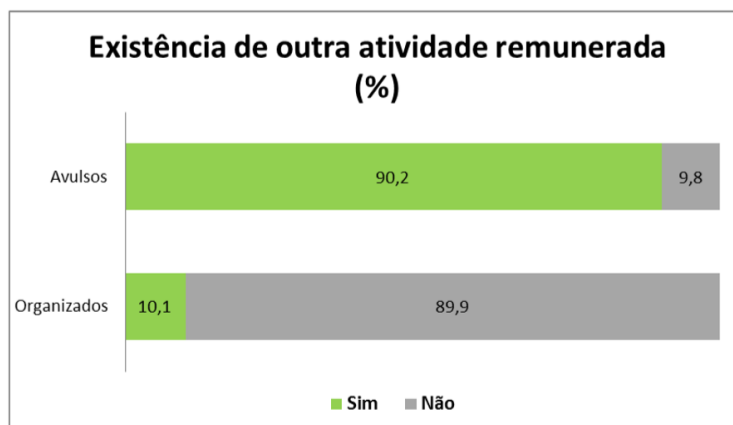


Gráfico 5 - Existência de outra atividade remunerada segundo categoria de catador.

Fonte: Inventário de Catadores. SLU/BH. Pág. 265, 2016.

O relatório apresenta informações sobre a relação anterior do catador avulso e sistemas organizativos de catadores e, apenas 5% (43 pessoas) dos entrevistados informaram positivamente a essa questão, sempre mencionando a ASMARE.

Quanto ao interesse em integrar alguma cooperativa ou associação de catadores, 51,2% (427 pessoas) possuem interesse. Esse dado precisa ser analisado de forma criteriosa, uma vez que, pode configurar uma demanda aparente. Responder positivamente sobre o interesse de integrar a uma associação, não necessariamente responde a uma possível adesão, pois integrar uma entidade autossugestionária outra relação envolvida, o que em muitos momentos, os catadores com experiência de rua não se adaptam.

Os dados que demonstram uma falta de acesso à educação, moradia, saúde e assistência social podem ser relevantes como indicadores em análises de exclusão e vulnerabilidade social desse grupo.

Embora o Inventário tenha sido uma das poucas pesquisas que se voltam ao estudo dos catadores de rua, que atuam na informalidade, verifica-se que ainda não

consegue trazer questões aprofundadas. O problema maior nesse tipo de pesquisa é que os resultados ficam reduzidos a uma lista de variáveis isoladas que caracterizam uma situação, mas bloqueiam soluções. A falta de entendimento aprofundado sobre os trabalhadores que atuam nessa “reciclagem de rua” não se reproduz apenas em pesquisas com resultados pouco satisfatórios, mas também, em práticas pouco efetivas ou isoladas, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 4. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Devido à relação entre metodologia e envolvimento pessoal na construção de toda a análise da presente pesquisa, esse capítulo será escrito em primeira pessoa.

Escolher um tema de pesquisa nem sempre é uma tarefa fácil. Estudar catadores que estão fora das cooperativas e associações se enquadraria nos temas mais complicados e de difícil análise empírica, no campo de estudo que já atuei. A literatura se encontrou cômoda em escrever e desenvolver teorias sobre coleta seletiva e tecnologias sociais, dentro dos muros dos galpões de triagem. A ideia inicial do estudo foi sair da zona de conforto e atuar de forma interna e intensa nas cooperativas, ou seja, “ir para as ruas”. De todos os campos com catadores que realizei no decorrer de quase 8 anos de atuação na área, a rua foi um dos mais fantásticos locais de aprendizagem e imersão em uma realidade antiga e invisibilizada pelo paradigma institucional.

O uso de ferramentas de análise multimetodológica tem por objetivo a construção de teorias substantivas, ou seja, aquelas que nascem do mundo real. (GLASER & STRAUSS 1967). Além disso, o entendimento de que somos parte do mundo com o qual estudamos e que construímos nossas teorias por meio do envolvimento e interações entre pessoas, práticas e perceptivas, trouxe contribuições relevantes para diálogos já firmados com representantes de catadores e entidades governamentais (CHARMAZ, 2009).

A pesquisa qualitativa tem uma abertura multimetodológica, isso acontece devido a inerente complexidade dos objetos e situações de pesquisa. Dessa maneira, foram utilizadas diversas ferramentas de análise, coleta de dados e sistematização dos dados empíricos. O que orientou a coleta dos dados foi a ferramenta do método

etnográfico para pesquisa social e a análise dos dados envolveu conceitos da *Grounded Theory* ou teoria fundamentada.

A *Grounded Theory* é um método sistemático de coletar, organizar e analisar dados extraídos do mundo empírico, ou seja, de onde os catadores de rua desenvolvem a sua prática. É uma promessa para um entendimento global e profundo do conhecimento do catador e um meio de gerar teorias a partir da prática de catação na rua.

A observação serviu como técnica principal e a proposta da combinação direta com a ferramenta da etnografia tiveram como objetivo dar suporte metodológico para fazer emergir questões relevantes, que dialogam com o objetivo da pesquisa.

Foram abordados 25 trabalhadores em atividade. As observações foram feitas de maneiras diferentes, ou seja, conversas informais, acompanhamento do trabalho, entrevistas abertas e observação participante.

A observação participante aparece como ferramenta complementar ao método etnográfico *in loco*. Dentro desse contexto, a concepção é que a prática da atividade só poderia ser acessada de forma mais aprofundada pela observação com a interação do pesquisador de forma direta. As entrevistas são orientadas a uma verbalização direcionada, explicitação das ações reflexivas, uma vez que as entrevistas e as narrativas somente se tornam acessíveis por meio dos relatos das práticas.

Não houve uso de roteiro de perguntas pré-concebidas e as informações foram captadas no decorrer do curso da ação de forma aberta, dinâmica e integrada ao objeto de pesquisa. Dessa forma, acompanhei os catadores *in loco* durante a realização do seu trabalho, realizando assim, a observação no momento da ação. Essa estratégia cria condições que permite a combinação de ferramentas de análise para entendimento profundo do que efetivamente é a prática daquele ator que pretendi estudar. Esse acompanhamento do trabalho teve como foco a dinâmica da atividade com coleta de dados através de transcrições e observação direta.

Para Theureau (2014), o curso da ação seria então um terceiro método de coleta de dados que é a descrição da atividade como encadeamento de signos cujo

ponto de partida é o trabalho como atividade social, situada, incorporada e mediada por signos. O método do curso da ação pressupõe a articulação do ator no mundo e não apenas descrição do processo. A atividade produtiva do catador é o objeto central da análise, dessa forma, o entendimento de que o trabalhador possui uma dinâmica própria e que precisa ser considerada nos sistemas inclusivos nortearam as observações.

Por se tratar de um universo muito grande de catadores, que se encaixam como objeto da pesquisa e a inviabilidade de análise profunda com todos os elementos que compõe esse universo, é vital que escolhas sejam feitas. Com isso, a pesquisa teve três fases, pois a observação para ser efetiva precisa de um envolvimento significativo entre pesquisador e pesquisado.

A primeira fase da pesquisa foi exploratória, necessária para negociação e definição de estratégias de “entrada” no campo. Da mesma forma que, os trabalhadores estão sendo observados, a pesquisadora também passa pelo processo de observação no campo. Essa entrada de um “corpo estranho” no processo produtivo dos catadores podem trazer diferentes comportamentos, que precisam ser considerados para uma entrada efetiva.

A população pesquisada possui características peculiares de sujeitos com diferentes níveis de vulnerabilidade social. São pessoas em situação de rua e que a entrada de qualquer pesquisador(a) nesse universo requer reconhecimento das relações que ocorrem nesse ambiente. Sendo assim, a pesquisa exploratória procurou trazer à tona quais seriam os riscos e o caminhos de aprofundamento do campo. Para tal, algumas limitações da imersão de campo precisaram ser consideradas, como: dificuldade de acompanhamento de catadores no período noturno; acompanhamento da rotina trabalho sem que seja vista como fiscalização e dificuldade em trazer retorno efetivo ou mesmo melhorias imediatas para o público pesquisado.

A segunda fase da pesquisa foi descritiva, foram realizados campos em locais diferentes para coleta de dados gerais sobre os diferentes espaços de catação. Nessa fase houve a presença de dois intermediários no processo. A atividade de campo foi realizada com o auxílio de dois “Informantes-chave” que abriram as portas para o público observado, posteriormente, esses “facilitadores” se tornaram colaboradores

na pesquisa. Esse método de aproximação conjunta, embora seja um recurso eficaz, foi utilizado de duas formas distintas em campo.

O primeiro “facilitador” que acompanhou a pesquisa foi um catador que faz parte de uma cooperativa de catadores de Belo Horizonte, que auxiliou as primeiras aproximações na fase exploratória da pesquisa. Por ter uma relação mais pessoal com esse catador, optei por inseri-lo como colaborador da pesquisa nesse primeiro momento, no entanto, esse catador teve algumas dificuldades de abordagem e de diálogo. O catador organizado que atuou como “facilitador” não trouxe resultados significativos, pois em muitos momentos apresentava o interesse de “convencer” o catador informal em aderir a uma cooperativa e o objetivo da pesquisa era de entender o trabalho e a dinâmica produtiva e não incorporá-lo numa organização.

O novo indivíduo “facilitador” participou do processo de forma momentânea e não tão aprofundada, porém, foram realizadas algumas aproximações com outros catadores de rua que nunca participaram de organizações. Esse colaborador trouxe resultados mais efetivos, principalmente por fazer parte de um depósito e pessoa chave para abertura da pesquisa com outros catadores. As limitações que apareceram durante o processo de aproximação coletiva junto a esse outro “facilitador” foram: necessidade do ator disponibilizar tempo para o acompanhamento junto à pesquisadora e dificuldade de entendimento/tradução da pesquisa por parte do catador junto os seus companheiros de trabalho.

Apesar do uso do “facilitador” não ter sido realizada em todo o decorrer da pesquisa, serviu para abrir caminhos para diminuir as recusas no campo, traçar estratégias mais eficazes de aproximação com os atores da pesquisa e com o ambiente propriamente dito. O catador como colaborador da pesquisa e facilitador na aproximação com outros catadores, trouxe um outro olhar que favoreceu a análise e a minha entrada no campo. Esse processo foi importante por ter sido o pontapé inicial para o entendimento que além da complexidade das relações que existem no universo da catação na rua e a informalidade, temos ainda, uma diversidade significativa de tipos de catadores informais que atuam nas ruas da cidade de Belo Horizonte.

Outro ponto relevante na prática da observação é a reflexão do papel do pesquisador no ambiente da pesquisa. O entendimento de que o pesquisador em todo

o momento está sendo observado e analisado por outros atores precisa ser considerado e avaliado, pois esse processo pode favorecer a pesquisa ou colocar o pesquisador em risco.

Uma terceira fase da pesquisa foi a análise. Essa fase se caracteriza em basicamente sistematizar os dados coletados. Devido à diversidade de métodos de coleta de informações, a sistematização foi orientada segundo a *GroundedTheory*. Para entender os diferentes processos e relações envolvidos no trabalho dos catadores informais, que atuam nas ruas foi preciso definir a tipologia e configurar uma análise geral.

Os nomes que utilizei aqui são fictícios. Alguns poucos catadores tiveram receio de serem identificados e por isso firmei um compromisso de que não utilizaria o nome real.

CAPÍTULO 5. RESULTADOS

5.1 As diferentes configurações do trabalho

Segundo o material elaborado pela Prefeitura de Belo Horizonte (PMGIRS-BH, 2016) em 2014, cerca de 80% dos catadores realizava suas atividades de maneira informal nas ruas da cidade. Durante os anos posteriores a essa pesquisa, ocorreram diversos problemas socioeconômicos (desemprego, inflação e crise financeira global), no contexto em que essas pessoas então inseridas há margem para estimar um aumento significativo de catadores de rua atuando informalmente.

Numa perspectiva de inclusão seria preciso entender a dinâmica do trabalho desses catadores e as relações sócio produtivas que mantém na cidade. É evidente que o número de catadores de rua que estão atuando junto do mercado informal é significativo, mas é preciso conhecer as diferentes configurações dessa atividade para construção de modelos de inclusão, que atuem de forma estratégica e plural considerando a diversidade de atuação dos catadores na cidade.

Tendo como trabalho dos catadores a centralidade na análise e o uso da experiência do “catar” materiais para obter recursos para sua sobrevivência (e em muitos casos sobrevivência também de sua família). Teríamos então, 4 tipos gerais

de configuração do trabalho. Esse trabalho sempre orientado pela demanda (e necessidade) de geração de renda.

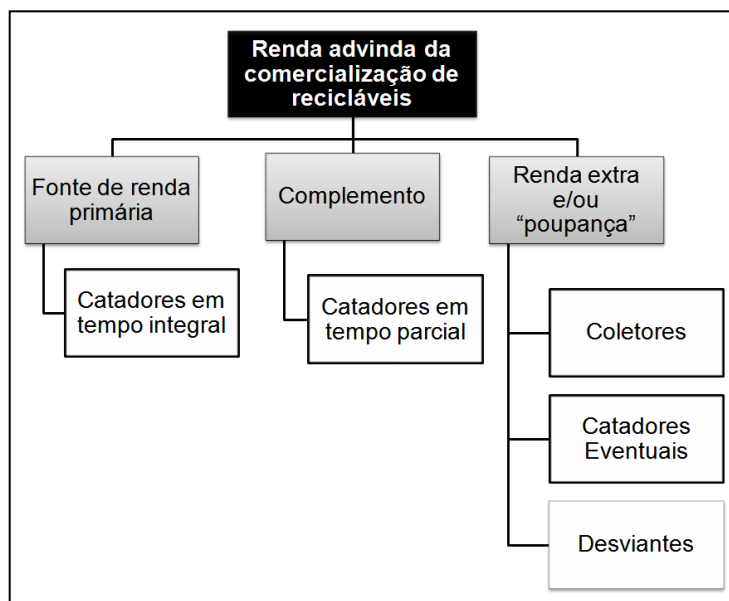


Figura 3 - Esquematisação dos tipos gerais de catadores em função da geração de renda.

Fonte: Própria.

Conforme mostra o esquema, a renda vai orientar a dinâmica de trabalho dos catadores. Os catadores em tempo integral são aqueles em que a atividade de catação é sua principal fonte de renda e não realizam outra atividade remunerada. Os catadores em tempo parcial vão ter uma segunda fonte de renda (formal ou não) e terão a atividade de catação de forma complementar. Os catadores eventuais realizam sua coleta esporadicamente, pois preferem grandes aglomerações ou eventos para realizar a atividade e usam da renda de forma suplementar. Não sendo considerados catadores, os coletores e os desviantes, já que estes dois serão atores importantes nesse circuito estrutural.

Os coletores são potenciais catadores, realizam a coleta e comercializam para ter renda suplementar e sustentar sua família, são garis, funcionários de setor de limpeza, funcionários de restaurante etc.. Os desviantes são atores que “ultrapassam” o elo entre os catadores, isso quer dizer, que são entidades ou organizações como: shoppings, supermercados, condomínios, restaurantes, escolas e etc.. Assim sendo, separarão os recicláveis e comercialização diretamente com empresas recuperadoras denominadas aqui de depósitos, sucateiros ou ferros-velhos. Os desviantes não farão parte da coleta de dados empíricos, mas precisam ser considerados na análise de qualquer atividade que relacione a coleta seletiva informal.

Os diferentes tipos de catadores encontrados na pesquisa de campo são descritos a seguir.

5.1.1 Coletores

Tecnicamente todas as pessoas que estão realizando atividade direta de recuperação de materiais recicláveis e mantém uma relação direta com o mercado de recicláveis seriam consideradas “catadoras”. Contudo, nem todas as pessoas que realizam a atividade de catação se reconhecem como tal ou reconhecem a atividade como trabalho. Nessa condição, aparecem as pessoas que realizam comercialização e até mesmo coleta de recicláveis, mas sem se autoconsiderarem catadores. Por esse motivo, foram categorizados como “**coletores**”.

A gente (família) costumava doar material para um catador que passava na porta de casa, aí ele parou de passar, continuei juntar e vi esse lugar que comprava (...). Levei uns sacos grandes no carro com latas, garrafas PET e alguns papéis e deu 30 reais, não é muito, mas é um dinheiro (...).o pessoal lá de casa passou a separar depois que descobriram que dá pra vender e tirar dinheiro disso (...) acho bom porque reciclagem é importante, melhor ainda quando dá dinheiro pra gente (...) (Joelma. Estudante A).

“Vou vendo uma latinha e vou pegando, levo pra casa... aí dá uns 2 meses ou 3 eu tenho uma quantidade boa e vendo ali perto de casa” (Creuza. Funcionária de Serviços Gerais).

Dessa forma, os **Coletores** são pessoas que realizam a comercialização de recicláveis e separam materiais em locais determinados, como por exemplo: em eventos residenciais, em condomínios, em suas próprias casas ou relacionam isso com o emprego formal, como no caso de garis e funcionários do setor de limpeza de estabelecimentos públicos ou privados.

Apesar de possuírem um local determinado de coleta, são livres quanto ao cumprimento de metas. Os materiais recolhidos serão basicamente os que possuem maior valor de mercado e volume significativo, como no caso das latinhas de alumínio. Sendo assim, os *Coletores* serão mais seletivos nessa coleta, pois almejam garantir alta rentabilidade o que promove a elevação do índice de reciclagem de alumínio no Brasil.

Os *Coletores* possuem uma significativa autonomia na comercialização dos recicláveis, embora haja tendência em possuir um comprador fixo, pois vender “*pra*

quem pagar mais” nem sempre é uma tarefa fácil ou rápida. As negociações são voltadas para o valor do material e há cobrança de frete.

Existem aqueles compradores que não cobram o frete e outros que cobram dependendo da quantidade. Como é necessário um volume significativo de materiais para a comercialização, os *Coletores* estocam material em suas residências e negociam com o comprador o valor dos materiais e do frete. Em algumas situações, os *Coletores* transportam por conta própria, os materiais ao comprador ou aos compradores.

Essas latinhas aqui são meu IPTU, vou juntando, tem uns vizinhos que trazem pra mim também. Quando dá uma quantidade boa, eu vou lá e ligo pro rapaz (...) ele vem de kombi e pega tudo. Ele dá o dinheiro na hora (Moradora NC).

De uma maneira geral, os *Coletores* não atuam diretamente nas ruas ou possuem parceria com grandes geradores. São pessoas que comercializam volume relativo de materiais e se orientam pelos valores de mercado, utilizam a residência para a estocagem e acumulação de materiais ao longo do tempo.

Quando o coletor passa a coletar materiais na rua ele vai mudar sua lógica de recolhimento interno e delimitado. A atividade na rua demanda mais experiência na prática de coleta e definição de estratégias, como: equipamento de coleta (grandes sacos ou carrinhos) e horário, pois é necessário conhecer a rotina de descarte da população orientada pela coleta convencional de lixo comum. A partir da coleta externa, na rua ele passará a ser considerado catador efetivamente. Embora todos sejam considerados *catadores*, existem formatos diferentes dentro dessa prática de coleta, seleção e venda de materiais que precisam ser consideradas.

Sou responsável aqui pela limpeza das salas e pegava a latinha que achava no serviço e levava pra guardar em casa né... mas aí eu vi que não tava juntando muito (...) Ai eu passei a procurar latinha na rua... pego uma sacola e saio catando perto da minha casa antes do lixeiro passar. Agora eu consigo uma quantidade boa (...) mas agora eu tenho que sair cedinho pra catar, antes de ir pro serviço (Efigênia, Auxiliar de serviços gerais e catadora de recicláveis).

A fala de Efigênia ilustra como essa transição ocorreu no contexto em que estava inserida. Funcionária de serviços gerais em um condomínio comercial passou a coletar material na rua, em detrimento da nova atividade, Efigênia teve de reestruturar, ou melhor, organizar toda a sua rotina de trabalho para suprir a tarefa de coleta e separação. Dessa maneira, a gestão do tempo passou a ser “*sair cedinho pra*

catar”, ou ainda, estruturar estratégias de coleta “*antes do lixeiro passar*” e de equipamento “*eu pego uma sacola...*”. Isso mostra que, o *coletor* pode se tornar um catador conforme as circunstâncias, principalmente financeiras. Sendo assim, ela mudou de categoria e a configuração do seu trabalho, atuando em locais diferentes com novas práticas. É possível perceber que os tipos gerais de catadores categorizados são dinâmicos e alteram de acordo com o contexto e mudança de prática.

5.1.2 Catadores Eventuais

A prática de coleta, separação e venda que caracteriza a atividade de catador vai acontecer em diferentes situações, vejamos:

(...)coto latinha, garrafa de plástico, tudo que eu sei que dá dinheiro eu vendo. Mas é pra pagar o almoço, porque eu olho carro de noite. De dia não tenho dinheiro, as vezes não sobra dinheiro (...). Aí eu vendo esses trem tudo ali no depósito (...) (Morador de rua, vigia de carros e catador eventual).

O material reciclável presente nas ruas da cidade se torna recurso financeiro para grupos sociais vulneráveis, como no caso de moradores de rua que utilizam da prática de coleta e comercialização para obtenção de renda imediata. Essa característica voltada à prática eventual de coleta, separação e venda de recicláveis serão categorizados aqui como “**catadores eventuais**”. Embora realizem efetivamente a atividade de catador, não possuem a prática de forma sistematizada, comercializam recicláveis eventualmente quando sentem necessidade de recursos financeiros devido à condição de morador de rua.

Os *catadores eventuais* recolhem aqueles materiais que possuem maior valor de venda com critérios mais seletivos nessa coleta. Não há frequência definida de coleta que acontece conforme a necessidade individual, seja para alimentação, seja para consumo de álcool ou outras drogas.

O local em que será realizada essa coleta e reprodução dessa prática pode variar, mas basicamente ocorre próximo aos pontos de comercialização, sendo o centro da cidade o local onde essa prática é mais recorrente. Não possuem comprador fixo e realizam a venda para o comprador que oferecer maior valor pelo material.

5.1.3 Catadores em tempo parcial

Em muitas situações a renda obtida da catação não é suficiente e o catador precisa buscar outras maneiras de complementar o valor do trabalho, já em outros casos os catadores já possuem um emprego ou trabalho fixo e realizam a atividade de catador como complemento. Em ambos os casos esses trabalhadores realizam a coleta, separação e venda de materiais recicláveis, o que representa uma fonte de renda secundária, caracterizando assim como **“catadores em tempo parcial”**. Ermita, catadora de nome fictício afirma que *“Hoje eu não consigo viver de lixo não, não dá. Eu sou cabeleireira, essa é minha profissão, dinheiro certo, sem tanto esforço, mas não vou parar de catar não... é como uma poupança, um extra (...)”*.

Ermita tem 55 anos, um filho e cuida do irmão que possui necessidades especiais, ele também dá um suporte na coleta de recicláveis e no beneficiamento dos materiais, como na atividade de amassar latas e garrafas. Ermita afirma gostar de trabalhar com materiais recicláveis e, diz que a dificuldade é encontrar um local de trabalho que esteja aberto para ela e o irmão que sofre de problemas mentais realizarem atividades. Enquanto ela não encontra outra alternativa, continua no trabalho de coleta de recicláveis em espaços específicos e ainda, exerce a função de cabeleireira em casa.

Eu cato as latinhas em eventos assim, quando tem jogo aqui [perto do estádio] eu sempre venho. (...) Eu não gosto de pegar latinha dentro do saco de lixo não, tenho nojo... prefiro pegar assim no chão. (...) eu gosto de catar assim em dia de jogo... eu cato mais e ando menos (...) (Ermita. Cabeleireira e catadora de recicláveis).

A escolha de Ermita em coletar materiais em eventos é em função do desgaste físico que relata ter. Eventos concentram um elevado número de pessoas que consomem bebidas e alimentos. Nesses locais, a geração de materiais é demasiado e em um curto espaço de tempo, dessa maneira, ela evita longas caminhadas, atividade que não dá conta mais. Quando realiza a coleta de latas durante o evento não tem tempo para parar e conversar, sendo assim, ela diz que *“olha (...) se eu paro pra conversar com você eu perco material, olha aí o tanto de gente catando, se eu parar, perdi dinheiro (...)”*, isso acontece porque a atividade demanda uma agilidade e existe uma relativa competição para coleta de latinhas no lugar que Ermita escolheu para coletar. Ela tem alguns pontos de armazenamento,

graças às relações de confiança que mantém com diferentes pessoas espalhadas pelo território de coleta.

Ermita alega que *“eu deixei duas sacolas cheias ali no moço do tropeiro, ele guarda pra mim (...). Se eu ficar andando cheia de sacola eu canso demais, aí deixo lá com ele”*, e ainda, admite que opta por vender latinha e garrafas PET por terem um valor considerável, entretanto, relata que é um problema acumular e coletar o material por causa do volume:

Eu parei de juntar PET ultimamente, não dá dinheiro (...) você junta um mundo de garrafa, demora uns 4 meses juntando e quando vai vender não dá 100kg (...) e eu tô falando de 70 centavos o kilo quando o preço tá bom...e ainda tem que amassar a garrafa, dá um trabalho (...) e é pouco dinheiro (Ermita. Cabelereira e catadora de recicláveis).

Ao mesmo tempo, comercializa outros produtos de mesmo volume:

Eu pego tudo pra vender, que nem essas cama de sucupira, sabe? Aquelas camas de madeira que o pessoal coloca na rua (...) eu pego e vendo tudo, sofá, colchão, essas coisas... (...) eu vendo no topa tudo, dá uns 30, 40 reais. Não é grandes coisas, mas é um dinheirinho que ajuda a pagar as contas, um pão pra tomar café, essas coisas do dia-a-dia (...) (Ermita. Cabelereira e catadora de recicláveis).

Ermita possui contato de vários compradores e realiza negociações de valor de material e dos fretes, desse modo, prefere não ter comprador fixo, mas comercializa com compradores próximos à região onde mora (região leste de BH) e centro da cidade que também é uma região relativamente próxima. A frequência da coleta é conforme a realização dos jogos no estádio de futebol próximo de sua residência, uma ou duas vezes por semana.

Nos outros dias ela dá uma volta pelo bairro onde mora para procurar materiais para vender, algumas pessoas já separam materiais para Ermita, pois sabem que ela recolhe regularmente. Geralmente as pessoas que separam material são aqueles que possuem algum vínculo com Ermita e que de alguma forma conhecem sua história e sabem que ela trabalha com reciclagem.

Tem o pessoal do prédio que separa né (...). Eu conheço uma moça que mora lá, eu falei com ela assim: não joga fora suas lata não, elas pra mim vira dinheiro. Ai desde então ela separa pra mim, os meninos dela sempre fazem festa, bebe cerveja adoidado, aí sempre tem (...). Eu sempre passo lá na casa dela e pergunto: tem material? Aí ela fala se tem e eu pego com ela (...) (Ermita. Cabelereira e catadora de recicláveis).

No restante dos dias da semana, principalmente durante as sextas-feiras e sábados, Ermita trabalha como cabeleireira de maneira informal, realiza a atividade em sua residência ou atende a domicílio, desde que seja na vizinhança. Depende das duas atividades informais para compor a renda da família, que tem como base o salário ou pensão de benefícios de seguridade social que o irmão com problemas mentais recebe do governo.

Ermita possui um carrinho de mão que usa para coleta de grandes volumes como no caso dos produtos encaminhados ao topa tudo, mas afirma não ter condições físicas para puxar o carrinho, por considerar um esforço além do que poderia suportar na sua atual condição. Tem o desejo de montar um ferro-velho para comercializar recicláveis:

Na verdade, se eu pudesse, eu abria um ferro-velho pra mim (...) é muita coisa que dá pra fazer (...) dá pra ter muito dinheiro trabalhando com lixo (...) com o que as pessoas jogam fora porque não existe jogar fora né? Vai pra algum lugar (...) tem gente que joga no rio né? A gente vende, ganha dinheiro (...) aí eu tendo meu ferro-velho eu ia ter um espaço pra trabalhar com isso, mas não tenho espaço e nem dinheiro, mas quem sabe um dia eu ganho na mega-sena (...) (Ermita. Cabelereira e catadora de recicláveis).

Ermita possui experiência com catação, segundo ela, existiram momentos em que precisou “puxar carrinho”, mas atualmente entende que a catação precisa ser seu complemento por ter condições de conseguir renda satisfatória com a comercialização.

Os **catadores em tempo parcial** são as pessoas que realizam o trabalho de coleta nas ruas da cidade, mas ao mesmo tempo, possuem um emprego ou atividade mais estável que constitui sua principal fonte de renda e realizam a comercialização conforme o volume de material ou quando há necessidade.

Só cato de dia assim... antes do lixeiro passar, quando o pessoal põe o lixo pra fora. Aí eu saio pelo bairro (perto de casa) (...) à noite eu trabalho na cozinha (de um bar/restaurante), sou funcionária do bar, carteira assinada tudo certinho... Não deixo de vender o material porque é meu dinheiro extra, ajuda a pagar o aluguel (Maria. Cozinheira e catadora em tempo parcial).

Maria tem 57 anos e trabalha há mais de 10 anos com venda de materiais recicláveis. Coleta na região onde mora, três vezes por semana seguindo as datas da coleta de lixo convencional. Recentemente, houve uma troca de horário dessa coleta que passou a ser noturna em parte do bairro.

Mudou a hora que passa o caminhão (...) ai invés de colocar o lixo cedinho pra fora, o pessoal coloca mais tarde. (...) isso me atrapalhou demais, diminuiu demais a quantidade. Agora eu tô tendo que catar PET também, antes não (...) antes era só latinha, agora tem que catar o que tiver, o que vier tá sendo lucro (...). A sorte é que aqui no bairro tem muita gente que separa pra mim, muita gente, toda as ruas tem alguém que separa pra mim. Isso que garante volume agora, porque mais tarde eu não posso catar material, tenho que trabalhar (...) (Maria. Cozinheira e catadora em tempo parcial).

Dessa forma, Maria mantém sua atividade de coleta, armazenando tudo nas sacolas de mão, pois não usa equipamento de transporte. Ela também coleta alguns itens interessantes, elementos que acha pela rua, como itens de decoração, objetos, roupas ou artigos domésticos (panelas e talheres), os que apresentam bom estado de conservação, ou seja, considerados novos, são levados para casa afim de suprir seu uso pessoal. Maria mora de aluguel, sozinha, pois não é casada e não possui filhos.

Morar de aluguel é complicado né? Por exemplo, eu deixo meu material lá né? (...) o negócio limpo, sem sujeira, porque você sabe que é limpo num sabe? (...) eu chego a lavar o material algumas vezes pra não ter problema (...). Mas o proprietário briga comigo demais, fala que dá bicho, que não pode acumular lixo na propriedade dele e me ameaçou várias vezes de chamar a prefeitura pra mim (...) vê se pode (...). Mas eu continuo separando meu material, só não posso juntar uma quantidade grande mais, mas eu deixo escondidinho pra ele não saber (...). Quando eu vejo que tem uma quantidade grande eu ligo pro Noronha e ele pega aqui em casa, pesa e me dá o dinheiro e eu vou guardando (...) (Maria. Cozinheira e catadora em tempo parcial).

Maria comercializa basicamente PET e Latinhas de alumínio com um comprador fixo que está localizado relativamente próximo a sua residência (“Noronha”). Os valores praticados por ele (em abril de 2016) eram de R\$2,40/kg para a latinha e R\$0,70/kg para as garrafas PET⁸, os materiais precisam estar amassados, tanto para venda, quanto para ocuparem menos espaço na casa. Assim, ela providenciou um equipamento que amassa latas⁹ e as garrafas PET são amassadas no momento de coleta para diminuir o volume. Maria não comercializa os materiais coletados com uma frequência definida, vende quando está com muito volume de material em casa ou quando está precisando de algum dinheiro para pagar contas ou comprar remédios, por exemplo.

Também nessa categoria de *catadores em tempo parcial* há outros tipos de atores que complementam a renda com a reciclagem. É o exemplo dos carroceiros

⁸ Nas organizações de catadores o valor de comercialização de latinhas de alumínio nessa mesma época era de R\$3,50/kg e da PET R\$2,30/kg.

⁹ O amassador de latas é um dispositivo muito comum usado por catadores em depósitos, fixo na parede a pessoa insere a lata e o dispositivo amassa uma por uma. Esse equipamento ajuda na redução do desgaste físico da ação de amassar latas.

que coletam entulho (material de construção civil). Como eles possuem carrinhos de tração animal e recebem pelo transporte dos resíduos volumosos e entulhos, sempre chega misturado algum material reciclável que possui valor de venda significativo como ferro e alumínio, por exemplo.

Outros exemplos que cabem nessa categoria são catadores que realizam seu trabalho durante o dia e “vigiam carros” à noite, praticam mendicância ou trabalham esporadicamente na agricultura¹⁰, ou seja, são pessoas que realizam outras atividades paralelas e sazonais para obtenção de renda e a reciclagem é uma delas.

5.1.4 Catadores em tempo integral

O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis estima que 800 mil pessoas trabalham com coleta, seleção e venda de materiais recicláveis no Brasil.

Fazem 25 anos que eu vivo disso. Vendo meu material, faço uns prédios, loja (...) pessoal separa pra mim. Cada vez é um lugar, eu trabalho todo dia, não sei fazer outra coisa (...). Esse é meu carrinho, ele é meu trabalho e é minha casa também (Helena. Catadora de recicláveis).

São catadores os que vivem exclusivamente da atividade. Fazem jornadas extensas de trabalho e necessitam de equipamento para ganho de volume e transporte dos materiais. Comercializam de forma frequente ou diariamente em muitos casos. Chamaremos aqui estes catadores de **catadores em tempo integral**.

Miguel, catador de recicláveis em tempo integral afirma que *“Meu dia é assim (...) agora que eu passei em todos os lugares, deixo o carrinho encher bem e no final do dia eu vou lá no depósito e vendo tudo”*. Os catadores em tempo integral são aqueles catadores que realizam a atividade de forma extensiva, isso quer dizer que a sua única forma de obtenção de renda é por meio da comercialização dos materiais reutilizáveis. A dinâmica do trabalho desses catadores é diferente e variável em cada contexto. Teremos a seguir 5 casos de catadores em tempo integral e a descrição da dinâmica do trabalho e desenvolvimento da prática no espaço urbano em que está situado.

¹⁰ É recorrente a prática de atividade de catadores na agricultura. É uma função de colheita em municípios que possuem atividade econômica agrícola relevante. Na época de colheita, os catadores “migram” da catação de rua para a colheita de café, por exemplo. Ou realizam as duas atividades.

CATADOR 1

Em um bairro bem distante do centro da cidade, mora Joaquim com sua esposa e sua filha. Joaquim tem 47 anos e há quatro anos trabalha com coleta, separação e venda de materiais recicláveis. Começou a trabalhar como catador depois que perdeu o emprego de garçon. Ele sai de casa todos os dias pela manhã e retorna para almoçar. O bairro que mora tem dias diferentes de coleta convencional de lixo e por isso, em cada dia da semana Joaquim coleta material em uma parte do bairro.

(...) segunda, quarta e sexta eu faço essa região que tem mais material. Nos outros dias eu faço a outra parte do bairro (...) cada um é um dia de lixeiro né? Ai eu faço todo dia. (Joaquim. Catador de recicláveis em tempo integral).

Joaquim sai de casa às 5h da manhã e caminha direto para a região da coleta, separa os materiais no ritmo acelerado por que o caminhão da coleta de lixo da prefeitura passar no bairro entre às 7h ou 8h da matina. Acumula o material nas esquinas ou perto de alguma casa, relativamente escondido para que não seja confundido com lixo comum:

Ai eu vou deixando em cada lugar assim pra pegar na volta (...). Eu escondo, mas não é esconder mesmo né? Só pra saber que esse material aqui tem dono. Os lixeiro nunca pegaram meu material, nem outros catador (...) eles sabem que é separado de alguém (...) acho que é isso. Mas não pegam não (...) bem, nunca pegaram o meu né? (Joaquim. Catador de recicláveis em tempo integral).

Na fala, Joaquim relata que as vezes garis ("lixeiros") não pegam o material separado do catador. Mesmo o gari sendo orientado para realizar a coleta de todo o material disposto nas calçadas, ele não realiza a coleta do material separado por Joaquim. Após a passagem do caminhão, Joaquim retorna para casa pegando as sacolas deixadas pelo caminho. Assim que chega em casa, Joaquim separa o material no quintal de casa.

Eu deixo aqui as latinhas, garrafas de refrigerante né? Aqui essas garrafas de plástico mais duro... e agora eu tô pegando papelão também porque o rapaz do depósito disse que é bom, mesmo o preço¹¹ sendo ruim né? (...) Quando dá um tantim bom eu vendo pra ele, enche a Kombi dele toda. As vezes eu espero 2 meses pra juntar muita coisa e dar um dinheiro bom mesmo, mas ultimamente não dá pra esperar, tem conta pra pagar né? (Joaquim. Catador de recicláveis em tempo integral).

¹¹ O preço do papelão que esse catador conseguiu naquele momento era de R\$0,16/kg enquanto nas organizações de catadores o mesmo material era comercializado a R\$0,45/kg.

Joaquim negocia com um comprador fixo que busca o material na casa dele e realiza o pagamento imediato conseguindo, aproximadamente, 200 reais por mês, com variação entre \$100 a \$300. A orientação dada pelo comprador sobre a opção da coleta de papelão é considerada por Joaquim a melhor, já que à medida que elevende/comercializa surgem maiores expectativas no aumento da renda obtida pela cambiagem, mesmo por que ele acredita que apesar da baixa rentabilidade, existem compradores que podem oferecer melhores remunerações. Vale ressaltar, que Joaquim não possui automóvel ou veículo de transporte para condução de materiais.

O comprador forneceu 3 “bags” (grandes sacos de ráfia comumente utilizado para acondicionar materiais recicláveis), que serve para Joaquim acomodar melhor os materiais e ajudar na organização do espaço de sua residência.

Ele consegue comercializar um volume de materiais entre 200 a 400kg no mês. A produção baixa condiz com a dificuldade que Joaquim tem de coletar e carregar grandes volumes, pois não possui equipamento de coleta e ao mesmo tempo, também não possui um local adequado para armazenamento de alto volume de materiais antes da venda. Não é raro encontrar catadores que não sabem mensurar a quantidade de material em kilos e, que comercializamem referência à quantidade de valor do material.

CATADOR 2

Tiago é morador de rua. Ele tem a catação como a principal fonte de renda, mas ao mesmo tempo, realiza a atividade e pratica a mendicância. Usuário de drogas, ele coleta materiais para sustentar o vício, conseguir renda para ajudar a sustentar o filho e alimentar-se.

Meu filho fica com a mãe dele né? Na casa dos pais da minha mulher né. Ele tem 4 anos (...) mas não vejo ele muito, só as vezes (...). Eu vim morar na rua porque os pais da minha mulher me expulsaram de lá por causa de droga né, essas coisa ruim. Ai pagava 400 reais de aluguel, ai sai do emprego, me mandaram embora. Ai vim pra rua né porque num dava mais pra pagar. Minha mulher foi lá pra casa dos pais dela né, mas as vez ela até dorme comigo aqui (na rua) (...). Mas ela fica lá cuidado do menino, quando eu consigo um dinheiro eu até dou pra ela, mas hoje em dia tá complicado (Tiago. Catador de recicláveis em tempo integral).

Tiago mora na rua há 5 anos e desde que perdeu o emprego, usa da reciclagem para gerar a renda para sua sobrevivência.

(...) pego é ferro, sucata (...) não gosto de catar latinha não (...) eu até cato latinha as vezes né, mas não é sempre não (...) é porque não dá dinheiro, você cata muito e não dá nada (...) Eu prefiro sucata, motor de geladeira, geladeira mesmo, inteira assim (...) fogão, esses trem de ferro (aponta para uma viga metálica utilizada em construção civil), tudo (...) ai coloco tudo no carrinho. (...) (Tiago. Catador de recicláveis em tempo integral).

A atividade de coleta de materiais para Tiago é uma comercialização, ou seja, é umas das fontes de renda. Em sua fala, Tiago coloca que é uma opção pessoal de coletar “ferro, sucata” devido ao retorno monetário. Ao passo que, quando ele foca em um tipo de material, consegue um retorno mais rápido na venda, tanto pelo valor, quanto pelo alcance de quantidade necessária de renda. O uso do carrinho de madeira é um indicativo de aumento na capacidade de coleta, o uso do carrinho é um dos elementos de negociação entre o catador e o comprador:

O carrinho é do cara do depósito... ele deixa o carrinho comigo porque é mais fácil de carregar o material (...) se fosse carregar tudo isso nos braço eu num ia dar conta não (...). Aí ele me empresta o carrinho dele né? Ele não cobra nada não, ele pega meu documento, ai eu pego o carrinho. Ai deixo o documento porque é responsabilidade né? O carrinho é responsabilidade, né (...) tenho que levar pro depósito pelo menos alguma coisa (...) eu não posso voltar com carrinho vazio se não ele não me empresta mais (...) as vezes eu rodo o dia todo, pra achar um motor e levo pra ele, mas tem dia que é complicado (Tiago. Catador de recicláveis em tempo integral).

Tiago trabalha com equipamento fornecido pelo depósito, depende desse equipamento para conseguir transportar o material em quantidade para a venda. Não realiza a coleta todos os dias, pega o carrinho e às vezes devolve em dois dias ou 3 para dar tempo de coletar tudo que precisa. Segundo ele, quando está muito difícil de achar material ele fica uns dias parado. Não realiza coleta durante período chuvoso e nem quando está muito frio, pois relata dores no joelho. Também não possui rota específica, embora tenha preferência para regiões com menos declividade como a planície do rio arrudas, nas regiões do Boa Vista, São Geraldo, Vera Cruz, Floresta, Santa Efigênia e etc..¹²

CATADOR 3

¹²O contato com Tiago foi realizado duas vezes, infelizmente ele trocou de local onde dorme devido a problemas com a vizinhança. Depois da troca de local onde costuma dormir, Tiago não foi encontrado para o acompanhamento da pesquisa, algumas análises permanecendo inconclusivas.

Jorge realiza a atividade de catador de materiais recicláveis há 15 anos. Durante esses anos na atividade conseguiu um relativo aumento na sua capacidade de comercialização e organização do seu trabalho. Isso se deve ao espaço que possui hoje em casa, no seu quintal adaptado para estocagem dos materiais. O quintal da sua casa passou a ter uma bancada para separação de materiais, um quarto com bags de papel, papelão e plásticos aguardando para serem levados pelo comprador, dentro da sua casa ele guarda as latas de alumínio. Há uma relação diferente com os materiais, segundo ele, já entraram na casa dele e roubaram 5 bags de latas de alumínio que estariam guardadas para quitar sua Kombi que utiliza para coletar os materiais, desde então possui um tratamento diferenciado com as latas, deixando o estoque na parte interior da casa, onde seria mais seguro.

Com esses equipamentos contribuindo para o trabalho, o transporte de coleta através de uma Kombi e a estocagem em casa, Jorge consegue volume e escala para conquistar melhores preços e poder de barganha com o comprador. Mora num bairro de periferia e coleta em bairros de classe média que estão relativamente próximos de onde mora, pois com o uso da Kombi como transporte, as distâncias de coleta e local de armazenagem (casa de Jorge) podem ser ampliadas.

Jorge nessa dinâmica alega que “(...) *eu pego muita coisa (...) é plástico duro, é plástico de sacolinha, papel, jornal, caixa, lata, embalagem de tudo*”, ele possui 4 ou 5 “bags” para acondicionar o material coletado para separar em casa. No momento da coleta deixa algumas “bags” espalhadas pelas ruas e segue uma rota e acumula materiais nesses grandes sacos. Quando consegue preencher todos, Jorge recolhe coloca na sua Kombi com ajuda de seu filho.

Os materiais coletados são encaminhados para um espaço no quintal de sua casa onde separa por tipo para comercialização posterior. Seu intuito é acumular os materiais para a comercialização com 3 compradores. Um deles pega apenas sucata, outro pega plásticos em geral e outro apenas papeis. Cada comprador tem um sistema de pagamento e a negociação é diferente para os custos do frete. Alguns compradores colocam volume mínimo para arcar com o frete, sendo necessário acumular antes de realizar a venda.

Quando é preciso, Jorge leva os materiais em sua Kombi, mas prefere acumular para o comprador arcar com o custo (frete), pois o valor não muda e o gasto para levar os materiais até o comprador não compensa.

Geralmente dá assim, 1 ou 2 semanas acumulando o material (...) aí eu ligo pra um dos compradores né, ele me fala quanto que tá valendo minha carga (...) quando ele tá muito interessado ele vai lá e busca e não cobra nada. Quando ele não tá muito interessado (...) quando ele tem material no depósito dele, quando não tá faltando material, ou quando o material tá em alta e tem muito lá (...) ele quer diminuir o preço pra pagar a gasolina dele né? Então é assim, depende demais do dia, como eu tenho outros compradores, eu vou negociando (...) mas eles também me fala que dá pra ir pegando vários materiais pra ajudar a compensar a carga né (...) por exemplo, eles tão falando que catar esses negócio de computador, televisão assim, tá dando dinheiro, eu tô pegano (...) quero até ver se é mesmo (...) (Jorge. Catador de recicláveis em tempo integral).

Os moradores colocam o seu saco com lixo na rua para a coleta realizada pela prefeitura, em algumas regiões, são 3 vezes na semana e em outras, todos os dias. Jorge então atua no intervalo entre o momento em que a pessoa coloca seu lixo e o horário que o caminhão da coleta convencional da prefeitura passa naquela região. Jorge conhece os horários e rotas, além disso, possui relações com a população local que realiza a separação e entrega para ele.

Segunda, quarta e sexta eu faço uns bairros. Assim, tem uns que mudou a hora que o lixeiro passa né? (...) era de dia e começou a passar de noite (...) aí isso eu conseguir fazer mais bairros, de dia faz uns e de noite faz outros (...) terça, quinta e sábado eu faço outros bairro (...) nem sempre não, as vezes eu vejo que tem muito material, aí eu nem trabalho no sábado.. mas geralmente é assim (...) (Jorge. Catador de recicláveis em tempo integral).

Jorge organiza seu trabalho em dias e horários no decorrer da semana. Isso acontece pela atuação nos dias de coleta convencional de lixo, intercala os bairros para realizar a atividade todos os dias da semana. Dessa forma, segunda, quarta e sexta ele coleta em uma região e nos outros dias em outra. Mesmo após a coleta ele tem um momento para acondicionar tudo em sua residência a modo de que o material fique pronto para ser levado para o comprador. Não possui prensa, balança ou qualquer equipamento que auxilia na comercialização, além do automóvel e as “bags” que possui. Seu filho ajuda no transporte e no acondicionamento em casa, mas de uma maneira geral, é o Jorge que realiza todo o trabalho.

CATADOR 4

Maria mora há 15 anos na rua, é natural de Caratinga (cidade do interior de Minas Gerais que fica a 300km da capital), foi para Belo Horizonte depois da morte da mãe. Maria estudou até a oitava série e teve que parar para cuidar dos irmãos e da mãe doente. Após a morte da mãe, Maria e os irmãos foram morar na rua. Possui alguns problemas de saúde como bronquite e uma lesão no joelho que precisou de cirurgia. Realiza a catação de materiais recicláveis há menos de 10 anos, embora não saiba calcular de forma exata o tempo de trabalho, quanto tempo está na rua e sua idade (quando foi perguntada a idade, Maria informa a data de nascimento: “13 de janeiro de 1962”).

Maria tem 5 filhos que segundo ela, estão em outras cidades e já construíram suas famílias, embora não tenha contato constante com eles. Realiza uso frequente de álcool e possui apelido de “Maria Pinga” pelos companheiros de rua. Não foi explorada a relação de Maria com o uso do álcool, mas é uma característica que interfere no seu modo de vida e inserção na sociedade.

Eu busco latinha de refrigerante, busco plástico, papelão, papel branco, garrafa de plástico (...) o pessoal deixa pra mim aqui. Sempre tem, aí eu busco. Eles são meus amigo (...) até presente de aniversário eles me dão, almoço, água (...) (Maria. Catadora de recicláveis em tempo integral).

Maria coleta material na região central da cidade, relativamente próximo ao Depósito que é vinculada. Como ela mora na rua, coleta material em tempo integral sempre rodando a área central da cidade e coletando apenas em locais específicos.

Eu vendo só para ele [depósito] (...) ele me empresta o carrinho e eu trago o material pra ele (...) esse carrinho é minha casa né (...) aqui embaixo eu deixo as roupas (...) eu recebo doação de roupa e deixo aqui (...) tem uma moça que lava as roupas pra mim (...) ela cobra 5\$ e lava (...) deixa cheirosinho (...) aqui eu coloco as comidas (...) eu pego comida e deixo, aí quando alguém precisa eu dou, faço almoço, aí sempre tem comida aqui né (...) à noite eu durmo embaixo dele [do carrinho] (...) no depósito (...) eu fico aqui (...) uso o banheiro, encontro com os amigos (...) (Maria. Catadora de recicláveis em tempo integral).

O vínculo que existe entre o depósito e a catadora Maria vai além da compra e venda de materiais. O depósito fornece o espaço para uso coletivo, além de acesso a banheiros. Esse espaço para uso coletivo geralmente é utilizado por catadores que precisam pernoitar na rua por faltar recursos para retorno à suas casas. O depósito, então cede o espaço para essas pessoas ficarem, são lugares improvisados para dormitórios, feitos com restos de materiais recicláveis como papelão, plásticos,

chapas de alumínio e tapumes, sem acesso a luz e com apenas um banheiro de uso coletivo em condições bastante precárias de higiene e limpeza.

Maria não dorme nesses locais, mas quando precisa utiliza o banheiro e água para se limpar, ela vai ao Centro de Referência de População de Rua que fica na mesma localidade do depósito e “*possui banheiros melhores*”

Maria deixa seus documentos com o dono do depósito para não perdê-los na rua, devido a sua condição de moradia. Além de deixar seus documentos no depósito, também prefere não ficar com o dinheiro da comercialização.

Eu sempre perco as coisas (...) as pessoa rouba a gente (...) deixa o carrinho ali, cê bobeia e passa a mão nas coisa da gente. Ontem mesmo já me roubaram meus remédio (...). Ai eu deixo tudo lá com o [dono do depósito]. Deixo com ele, porque quando eu preciso eu pego (...) que nem meu dinheiro do material (...) meu dinheiro fica com ele, quando eu preciso eu pego né? Se eu fico com dinheiro na rua, ele vai embora (...) (Maria. Catadora de recicláveis em tempo integral).

Maria não sabe informar quanto tem a receber e qual a quantidade de dinheiro dela que está com o dono do depósito. Além disso, Maria quando precisa de acesso ao serviço de saúde, utiliza o endereço do depósito¹³ e dessa forma, um agente comunitário de saúde envia remédios, receitas e resultados de exames.

CATADOR 5

Eduardo é catador de materiais recicláveis há pouco mais de 7 anos. Possui um carrinho de coleta que é cedido por um depósito localizado na região central da cidade. Realiza coleta dos materiais na região leste e possui uma rota fixa e é orientado pela coleta de lixo convencional realizada pela prefeitura. Mora em um bairro distante da região que trabalha e não volta sempre para casa, dormindo eventualmente na rua.

Eu ia pra casa né (...) mas agora fica complicado (...) a coleta de lixo começou a ser a noite (...) mudou né? Ai eu termino de catar os trem já beira dez da noite (...) ai até eu ir lá no deposito já fica tarde (...) chego lá e o depósito tá fechado (...) ai eu durmo na rua com o material e de manhã eu vendo o material (...) quando dá dinheiro eu volto pra casa, quando não dá eu vou catar em outro lugar (...) (Eduardo. Catador de recicláveis em tempo integral).

¹³ O Sistema Único de Saúde utiliza do endereço residencial para referenciar os usuários, quando os usuários estão em contexto de situação de rua, relatam dificuldade de acesso. D. Maria utiliza o endereço do depósito como alternativa.

A alteração de horário de coleta na rota que Eduardo realiza demanda uma nova configuração de trabalho já que não consegue voltar para sua casa todos os dias devido ao horário e o valor da passagem ser muito alto¹⁴. Eduardo coleta uma variedade significativa de materiais: papel, papelão, jornal, revista, plástico duro (PEAD), PET, garrafas de uísque (vidro), latinhas de alumínio, sucatas em geral e materiais eletrônicos. Vende grande parte para o depósito que fornece seu carrinho, mas também comercializa com outros depósitos materiais específicos como no caso dos eletrônicos e garradas de uísque.

Esses materiais são comercializados em locais específicos, pois nem todos os compradores trabalham com eles, como Eduardo tem uma vivência com outros catadores conseguiu contato de outros compradores e aumentou sua variedade de materiais coletados.

5.2 Comparativo das diferentes configurações

Embora a pesquisa tenha identificado quatro tipos gerais de catadores de rua, existem outras variáveis que vão aparecer quando se aprofunda na prática de cada catador e os elementos centrais que configura seu trabalho.

Teremos então uma variação significativa dentro e fora desses tipos gerais, como foi mostrado no item anterior. São selecionados aqui, cinco elementos gerais que definem a organização do trabalho em cada tipo, dessa forma, a comparação será feita pela renda, compradores, rota, material e equipamento, todas as categorias de análise de dados qualitativos.

São elementos de variação e que foram identificados na pesquisa, embora exista uma série de outros fatores como condição de moradia, gênero, acesso à educação, assistência social e etc., que também são interessantes, mas que aqui não foram aprofundados.

¹⁴ Para voltar para sua casa depois de comercializar seus materiais, Eduardo precisa pegar dois ônibus e cada um com valor de R\$ 4,05.

Para comparar os tipos pontuados, a primeira categoria usada foi amostragem de renda. Como categoria, é um elemento que além de orientar o trabalho, também configura a dinâmica em cada tipo de catador, pois seria o grau de dependência desse recurso que é gerado pelo seu trabalho.

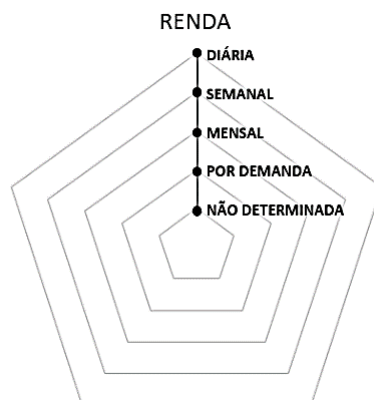


Figura 4 - Variáveis da categoria “renda”.

Fonte: Própria.

As variáveis de renda comparadas aqui, serão relacionadas ao tempo em que o catador tem acesso à remuneração, ou seja, se a renda do catador é “diária”, “semanal”, “mensal”, “por demanda” ou “não determinada”. Essas categorias foram elencadas a partir da concepção de que aquele catador que possui a renda “por demanda”, por exemplo, é aquele que coleta, guarda e vende quando precisa, ou aquele que vende porque precisa de dinheiro de forma imediata. O elemento renda, dessa forma, vai variar dentro de cada situação dos tipos inicialmente definidos.

O segundo elemento de comparação é a categoria “compradores”. Embora o mercado oligopsônico da reciclagem seja dado, ele nem sempre vai atuar da mesma forma sob os catadores de rua. Então a variação desse elemento são as seguintes: “Comprador não fixo” (aquele catador que pega o material e vende para qualquer um, mas relaciona apenas com um comprador) “Vários compradores/Compradores não fixos” (aqueles catadores que vão ter contato com vários compradores, vendendo cada tipo de material para um e/ou aquele que pagar melhor); “Um comprador fixo e outros compradores” (o catador possui um comprador que leva grande parte do seu material, mas também possui outros compradores para materiais específicos); “Comprador Exclusivo” (são aqueles compradores que realizam uma “parceria” com os catadores de rua e que a venda precisa ser exclusiva devido a empréstimo de carrinho, por exemplo) e finalmente, a categoria “Mais de um comprador fixo” (o

catador tem comprador pra cada tipo de material que coleta, mas com a relação mais próxima).



Figura 5 - Variáveis da categoria “compradores”.

Fonte: Própria.

No caso da Rota como elemento de comparação, ela vai ter as seguintes variáveis: “interno” (a coleta seria feita dentro de espaços específicos, como no caso das funcionárias de serviços gerais, que coletam materiais ou funcionários de restaurante que separam as latinhas); “sem rota definida”; “eventos; aglomerações” (lugares onde possui uma aglomeração de pessoas como no caso de eventos, feiras, shows nas ruas); “próximo de casa/depósito” (a rota próxima de casa os catadores realizam quando precisam estocar material e por ter conhecimento sobre a população e geração de materiais; perto do depósito o catador coleta e comercializa no mesmo espaço); “Central e Bairros fixos” (os catadores tem um roteiro bem definido com horários, locais específicos e dia da semana).

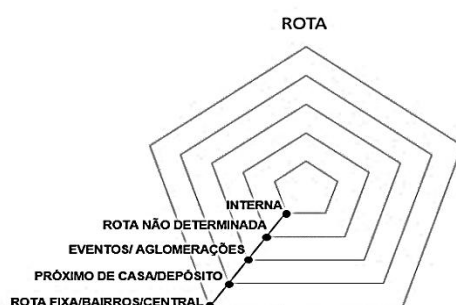


Figura 6 - Variáveis da categoria “rota”.

Fonte: Própria.

Cada catador vai ter um equipamento para realizar a coleta dos materiais. Alguns vão ter equipamentos com menor capacidade, como: sacolas grandes e outros

vão ter Kombis e caminhonetes, por exemplo. As variáveis desse elemento são as seguintes: “Sem equipamento”; “Sacos grandes”; “Carrinho de supermercado/carrinho de mão”; “Carrinho de madeira/carrinho de geladeira” (alguns catadores adaptam o carrinho de coleta com carcaça de geladeira e conseguem coletar um volume maior de materiais); por fim, a categoria “Kombi/caminhonete” (são os catadores que possuem um carro motorizado para realizar a coleta).

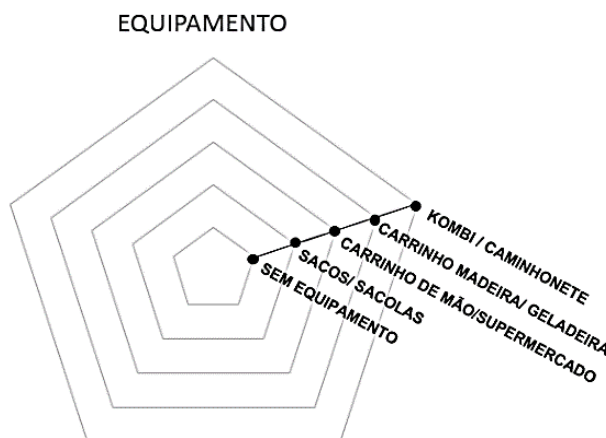


Figura 7 - Variáveis da categoria “equipamento”.

Fonte:Própria.

E um último elemento que será usado para essa comparação é o Material. As variáveis desse elemento são: “Apenas Latinhas de alumínio”; “Latas de alumínio de PET”; “Latas de alumínio, PET e Papelão”; “Latas, sucata, plástico, papel”; “generalista” (aquele catador que possui uma gama igual ou superior a 5 tipos diferentes de materiais que coleta). A variação se relaciona com as outras categorias como Equipamento e Compradores. Também é possível identificar os catadores que se especializam em coletar materiais específicos como no caso de plásticos e sucata que, embora seja apenas um tipo, o volume coletado chega a níveis parecidos com os volumes coletados por catadores que coletam vários materiais. É importante considerar aqui, que existem dois momentos de uso do equipamento de transporte, a análise dele pode ser mais criteriosa, mas como esquematização a categoria foi reduzida ao uso de equipamento para coleta. O uso de equipamento para transporte até o comprador ou entre o comprador e o catador não entra nesse esquema.

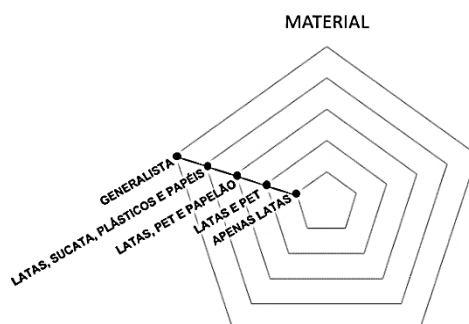


Figura 8 - Variáveis da categoria “material”.

Fonte: Própria.

Os gráficos a seguir foram produzidos com a categorização feita conforme o acompanhamento realizado junto aos catadores de rua que participaram da pesquisa. Apesar da pesquisa não tenha sido realizada com todos os catadores que trabalham de forma individual nas ruas sem vínculo com associações ou cooperativas que atuam na cidade de Belo Horizonte, há possibilidades de estimar os elementos que vão indicar as diferentes configurações que são encontradas nesse universo. O exercício de elencar 5 elementos que, nesse aprofundamento no campo apareceram como relevantes vão ser utilizados para comparação entre os tipos e cada indivíduo dentro destes tipos. No gráfico a seguir, estão os 4 tipos centrais de catadores e em cada gráfico de tipo existem exemplos de catadores e suas variações específicas que estarão representadas nas linhas coloridas, ou seja, cada cor seria um tipo diferente de catador. Cada catador terá uma configuração do trabalho e nos gráficos aparece essa variação de forma evidente.

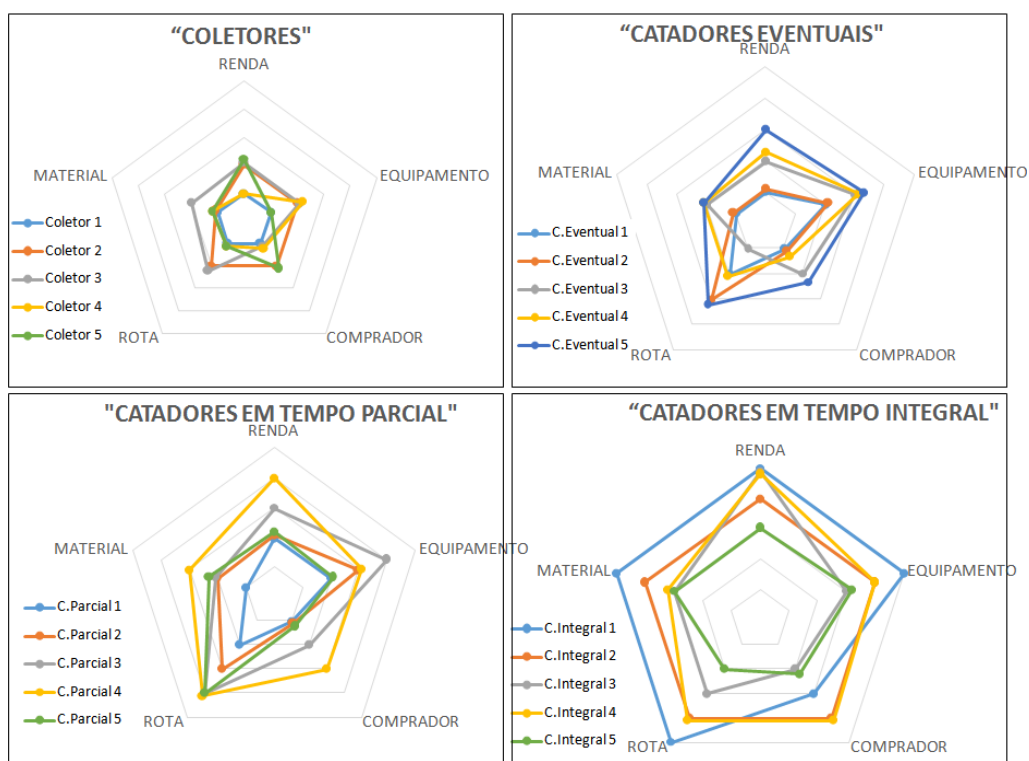


Figura 9 - Comparativo das diferentes configurações da atividade.

Fonte: Própria.

A variação no elemento renda consegue demonstrar as diferentes relações dos catadores com a remuneração obtida pelo trabalho. O gráfico mostra que quanto mais distante do centro, mais o catador vai ser dependente da renda obtida no seu trabalho, ou seja, representa aquele que necessita de remuneração de forma mais frequente. Também mostra uma tendência dentro dos tipos, onde os "catadores em tempo integral" seriam a renda diária e os "Coletores" a renda por demanda.

A variável "por demanda" é geralmente reproduzida num contexto em que a atividade de comercialização de materiais é uma renda extra, uma poupança, gerada em casos de necessidade ou urgência financeira. Mesmo essas análises sendo feitas em cada caso, dá para identificar o quanto essas configurações se alteram mostrando a diversidade. Nem sempre o catador de rua vai demandar uma remuneração diária, como foi colocado anteriormente.

Embora a maioria dos catadores priorize a coleta de materiais com valor de comercialização alto, existem catadores que conseguem coletar materiais além de latas, sucatas e garrafas PET. No gráfico isso vai variar da seguinte forma: quanto mais distante do centro, mais variedade no tipo de materiais esse catador vai coletar.

No caso, entram nesse universo os catadores que coletam REE (Resíduos Eletroeletrônicos), como: plásticos em geral, revistas, jornais e até roupas para uso pessoal e comercialização.

A variação da relação entre os catadores e compradores mostra uma tendência e seu estreitamento nas negociações. No gráfico isso se reproduz através da relação entre catadores e compradores, os fixos delimitam que estão afastados da região central da cidade, bem como asseveram a relação de confiança já que cedem os carrinhos ou negociam algum valor junto ao catador, que estabelece essa relação de exclusividade. Já os que estão próximo do centro tem menos relação fixa, pois acordam com outros compradores ou nem sequer possui essa relação de firmeza.

No caso da categoria rota, as variáveis apresentadas no gráfico se alteram conforme a capacidade do catador em delimitar o roteiro de coleta. Dessa forma, quanto mais distante do centro mais fixo é esse roteiro, mais certa será sua rota e seus pontos de coleta. A tendência que aparece é de rotas menos fixas ou até não definidas no gráfico de *Coletores* e rotas mais definidas ou fixas nos *catadores em tempo parcial e em tempo integral*.

De um modo geral, o gráfico consegue demonstrar as diferentes configurações do trabalho existentes em cada tipo de catadores, além de também mostrar as variações dentro dos tipos. Apesar de serem utilizados dados de 5 catadores em cada tipo, a variação é muito maior em alguns casos, chegando a uma variabilidade de 1.200 formas diferentes de prática na atividade de catadores eventuais por exemplo.

5.3 Interação, Inclusão, Integração e Cooperação: Qual é a relação entre catadores de rua e associações e cooperativas

Se exclusão significa afastar e/ou estar fora da sociedade, os catadores de rua não são totalmente excluídos, porém, estão à margem. Santos (2009) apud Freire (1968) assevera que os oprimidos não são marginais, ou seja, não vivem fora da sociedade, no entanto, vivem em condições de coação pelo sistema social. Os pobres, neste contexto, seriam rejeitados socialmente, explorados economicamente e reprimidos politicamente.

O entendimento de que os catadores fazem parte de um sistema produtivo que movimenta um setor econômico não permite dizer que são excluídos. Pelo menos não do sistema produtivo, que com efeito os explora nas condições de trabalho (estado precário), nas baixas remunerações e na submissão de um alto desgaste físico.

Nesse contexto, Pochman et al. (2003) coloca que a exclusão é dinâmica, pois o indivíduo pode estar incluído em algo e ao mesmo tempo excluído em outro. Com efeito, o autor coloca que embora alguns sujeitos apreciem a “autonomia” (grifo do autor) do trabalho informal, a maior parte deles está na informalidade em razão do desemprego e necessidade de complemento da renda. Com isso, a inserção desse trabalhador na cadeia produtiva através da economia informal se dá de forma extremamente precária, não garante acesso a direitos sociais e trabalhistas básicos e se caracteriza por uma renda baixa

Sobre essa mesma concepção de conceitos problemáticos, Noronha (2003) traz a discussão sobre informalidade e a diversidade de fenômenos dentro desse conceito. O dualismo formal e informal não expressa a real contraposição que se pretende comparar, contudo, seria necessário separar de uma maneira clara a *economia informal* e *trabalho informal*.

O termo informal abrange várias concepções, além da informalidade propriamente dita, mas também pobreza e ilegalidade, todavia, não se distingue práticas legais das práticas ilegais ou criminosas, o que dá margem às generalizações. Nem toda atividade informal é criminosas ou não previstas em lei. Mesmo sendo informal, a atividade não está impedida de possuir acordos coletivos ou contratos formais de compromisso. O entendimento do que é o informal precisa ser abrangente, já que existem regras e normas dentro da concepção de informalidade que precisam ser consideradas (NORONHA, 2003).

De uma maneira geral, os esforços para organização dos trabalhadores e a inclusão dos catadores de rua são feitas de forma bastante distinta. O termo inclusão remete à lógica de que para fazer parte do sistema de coleta seletiva formal e ter oportunidade de melhoria de condições de trabalho e renda, o catador precisar estar vinculado a uma organização, seja cooperativa ou associação. E sob esse prisma, ao não fazer parte de uma organização de catadores e atuar fora dos muros da

cooperativa ou associação, o catador de rua mesmo inserido no sistema produtivo está fora do escopo de políticas públicas voltadas para a gestão de resíduos. Visto como um problema a ser resolvido, criam-se programas de abertura para inserção dessas pessoas nas organizações, quase nunca com resultados satisfatórios.

Todas as ações realizadas para integrar o catador de rua são voltadas para inserção desse ator em uma organização que exige uma mudança de sua atividade. A inclusão se traduziu, no decorrer dos anos desde a fundação da Asmare, em ações de inserção dos catadores de rua em galpões de triagem. Os catadores organizados, por outro lado, realizam o serviço social de assistência a essas pessoas. Cria-se um espaço de acolhimento, não previsto no escopo de trabalho e não remunerado, que demanda da liderança da associação ou cooperativa ações das quais não estariam preparados.

Nesse contexto, existem três tipos mais comuns de inserção de catadores de rua. Esses modelos vão dialogar com o que os catadores realizam de forma autônoma dentro das organizações e vão depender de contextos específicos. Os tipos diferentes de inserção ou inclusão serão denominados aqui como inclusão fechada, aberta ou híbrida.

A *inclusão fechada* seria a mais comum em Belo Horizonte, embora não seja sua tradição histórica. Nesse tipo de inclusão, o catador precisa sair da atividade realizada nas ruas para integrar o corpo social de uma organização. Muitas vezes ocupa o posto de trabalho de um triador e precisa passar por período de adaptação para ser inserido definitivamente e fazer parte do grupo.

Esse modelo não inclui efetivamente na prática catadores de rua e sim, pessoas que estão desempregadas. Os catadores informais egressos da rua são minoria¹⁵ em organizações que seguem esse modelo de inclusão, onde sua lógica produtiva e reprodutiva precisa ser adaptada. As principais limitações desse modelo são as dificuldades da organização de catadores, logo, faz-se necessário realizar o serviço de assistência social ansiando manter o trabalhador não vulnerável. A adaptação ao trabalho faz-se imprescindível uma vez que, a falta de espaço e inserção

¹⁵ Em um levantamento realizado pela pesquisa, os catadores de rua representam, em algumas organizações em Belo Horizonte menos de 1% do corpo social da entidade, excetuando Asmare e Associrecycle que possuem atividades voltadas à coleta na rua, embora os catadores que as compõem, nem todos caracterizam como catadores de rua.

de mais um no denominador para divisão das sobras ao final do mês requer o devido estreitamento de relações coletivas e o impacto da abertura de novos postos de trabalho no galpão de triagem.

A *inclusão aberta* é o modelo inicial de Belo Horizonte, adotado pela Asmare em sua fundação na década de 1990 e que permanece com algumas adaptações, desde então. Nesse modelo de inclusão, que se configura também como uma estratégia de transição, os catadores informais passam a compor um grupo organizado para venda coletiva, onde todos catam por conta própria e realizam a separação para posteriormente comercializarem em conjunto. O catador continua realizando suas atividades de coleta nas ruas da cidade, mas detém o acesso aos equipamentos, dispõe de possibilidade de convênios com prefeituras e reconhecimento social pelo trabalho.

Apesar da grande maioria dos catadores terem vindo da atividade de rua, há uma dificuldade estrutural das associações que utilizam esse modelo de inclusão, isto posto, significa que carecem tanto de espaço para atender mais catadores, quanto de mão de obra para mediar os conflitos.

Os modelos existentes em Belo Horizonte são limitados, pois há uma restrição no número de associados e de espaço físico, além disso, a necessidade de ingressarem formalmente em uma organização demanda algumas documentações, bem como comprovação de moradia que não fazem parte da realidade de alguns indivíduos. Em Belo Horizonte, não há apoio, suporte ou programa do governo municipal para melhoria de condições de trabalho ou redução de vulnerabilidade que caracterizam como público-alvo os catadores que atuam nas ruas¹⁶.

A *inclusão híbrida* é o modelo mais dinâmico utilizado em escala reduzida em algumas organizações em Belo Horizonte, mas com experiências mais efetivas na cidade de São Paulo e em algumas cidades do Sul de Minas. Nesse modelo, o catador teria opção de participar da organização coleta da forma que lhe convier. No caso de Poços de Caldas, por exemplo, os catadores de rua realizam suas atividades de coleta e comercializam junto com a cooperativa e recebem por quantidade coletada, forma

¹⁶ O convênio que existia entre a prefeitura e a Asmare que garantia, dentre outras coisas, passagem de ônibus para os associados e apoio técnico administrativo foi suspenso no governo do prefeito Márcio Lacerda (PSB) em 2012.

de remuneração similar à dos outros catadores que estão no posto de triagem. Outra adaptação desse modelo híbrido foi criado em Itaúna pela cooperativa de catadores Coopert¹⁷, que após mobilização e organização dos catadores de rua atuavam na cidade, a Coopert, junto de outros atores como ONGs e municipalidade, deram suporte para formação de outra associação que comercializa de forma conjunta e oferece infraestrutura para apoiar o trabalho dos catadores de rua: um galpão equipado com prensa, balança, refeitório, banheiros e espaço para triagem e estocagem.

Todos esses modelos têm suas limitações e potencialidades, afinal, foram construídos sob uma demanda diferente em cada situação. Daí o efeito ainda limitado dessas experiências, emerge a necessidade de se conhecer melhor o trabalho dos catadores de rua para construção de modelos que consigam atuar como instrumentos de cooperação entre os catadores e ao mesmo tempo, proporcionar o aumento das taxas de reciclagem e garantia de condições dignas de trabalho para todos os catadores, seja na rua ou nos galpões de triagem.

As organizações de catadores nem sempre são entidades reconhecidas pelos catadores de rua. Em muitos momentos de abordagem de campo os catadores afirmavam não ter conhecimento do funcionamento e existência destas organizações. E quando afirmam conhecer, falam sobre um imaginário no qual a Asmare aparece como uma instituição mítica e inacessível:

Asmare é tipo uma empresa, sabe (...) pra entrar lá é igual concurso. Tem que ter carteira, esses documentos. Ai lá você tem material, a prefeitura leva os material bom tudo pra eles, ai a gente pega o resto que fica né (José. Catador de recicláveis).

Existem catadores que participaram de algumas atividades junto à Asmare, mas não conseguiram ficar por motivos de conflitos com outros catadores, necessidade de pagamento de 10% sob o valor de venda dos materiais, problemas com álcool e outras drogas ou por experiências não exitosas.

Os conflitos relatados pelos catadores de rua que já tiveram contato com a Asmare são relacionados ao uso de carrinho de coleta emprestado e quando os catadores não respeitam a rota ou o ponto de coleta do outro. Já o pagamento de 10% sob o valor de venda dos materiais é motivo de desconfiança por parte dos catadores

¹⁷ Sobre o projeto de inclusão de catadores em Itaúna, ver FERREIRA et al. 2014.

que querem receber o valor integral ou não concordam com esse desconto e por isso preferem vender para o depósito.

(...) Aí lá [na Asmare] é como se fosse uma casa com muitos cômodos, aí o catador vai lá e coleta (...) tem um espaço lá e as vezes paga alguém pra triar pra ele (...) ou ele mesmo tria.. Eu trabalhei triando lá pra uma dona, dois mês trabalhando, não recebi e a mulher morreu (...). Aí um dia fui lá cobrar do filho dela, ele tinha que me pagar ué, desaforo (...) mas nunca mais eu trabalhei lá não (...). Aí eu vi que tinha que trabalhar com carrinho meu mesmo, é meu, dinheiro é meu (...) não precisa dividir nada com ninguém entendeu? pra mim, eu acho bem melhor (...) na rua [os compradores] pagam na hora, certinho, aí você vende pra quem você quiser sem problema (...) (Claudia, catadora em tempo parcial que teve experiência com Asmare).

Para ter uma experiência com a Asmare os catadores não precisam necessariamente de se associar formalmente, existem outras relações informais que permitem essa aproximação como indica a fala de Cláudia. Nem sempre essa experiência é a mesma formal, de ter sido um associado e não concordar com as regras impostas, em alguns casos isso nem sequer ocorre.

Segundo Singer (2001) é difícil para esses trabalhadores que atuam isoladamente e possuem uma interação entre si, pois alguns acabam transformando essa convivência em competições, problemas esses que se chegam aos membros das cooperativas. Estas organizações requerem profundos laços de confiança mútua e solidariedade entre os trabalhadores, situação difícil de ser construída quando se tem experiência na rua.

No que tange a dinâmica da Asmare, o valor cobrado chamado de “10%” é usado para cobrir alguns custos formais (administrativos) da associação e, em contrapartida, ajudar os catadores que tem acesso aobox para triagem do material, acesso a banheiro, equipamento de trabalho¹⁸, assistência social e entre outras coisas como descanso remunerado em caso de doença. Apesar dessas vantagens, nem sempre os catadores incluídos conseguem adaptar-se a este sistema e a abertura para novos integrantes é limitada pelo espaço físico.

A abordagem dos catadores de rua via Asmare ainda é restrita territorialmente e as outras organizações não possuem esse sistema de trabalho social. Por esse

¹⁸ A Asmare tem acesso a programas e projetos que disponibilizam carrinhos de coleta, equipamentos de proteção individual como luvas e demais equipamentos. Embora não sejam ações contínuas e que demandam interesses governamentais, são ações voltadas apenas para os que estão vinculados a associações ou cooperativas.

motivo os catadores abordados falam que não conhecem nenhuma organização ou quando conhecem, só citam a Asmare.

De uma maneira geral, entender que essa relação se dá através de diferentes situações e que é preciso entender e reconhecer que é uma estratégia para conquistar direitos mesmo daqueles que estão fora da cooperativa.

A Asmare é um modelo de organização do trabalho de catadores transitório, que consegue dialogar de uma forma mais aberta e integrada junto dos trabalhadores da rua em comparação com as outras entidades de catadores que atuam no município. Ao mesmo tempo fazer parte da Asmare não dá garantias de acesso a melhorias. Durante a pesquisa foi identificadas situações de catadores da Asmare bastante semelhantes aos catadores não vinculados, assim apresentam dificuldades financeiras para pagar o ônibus e voltar para casa. Não necessariamente fazer parte da associação garante essa diminuição de vulnerabilidade e, faz com que muitos catadores de rua (da Asmare ou não) passem a noite em seus carrinhos ou nos fundos de um galpão por não terem dinheiro para voltar para casa todos os dias.

CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores que atuam como catadores de rua de maneira informal e os que atuam dentro dos galpões de triagem fazem parte de um sistema único dentro cadeia produtiva da reciclagem.

A dificuldade mais persistente no estudo dos catadores de rua é a escassez de dados sólidos, para embasar as teorias sobre o comportamento e dinâmica dessas pessoas no trabalho que realizam.

Os catadores de rua, apesar da visibilidade social propiciada pelo fato de sua atividade ser realizada em espaços públicos, ainda são, relativamente aos catadores organizados, pouco conhecidos. Ainda faltam dados para caracterizar quem são essas pessoas, como trabalham, como vivem e o que motiva sua atividade. Não há, em especial, estudos que forneçam elementos para o debate sobre esses trabalhadores em direção a uma lógica de reconhecimento mais universal, ou seja, sem considerá-los anomalias no sistema ou como desviantes e transgressores. Há um número significativo de estudos sobre catadores, mas sempre voltados à organização formal e aos sistemas formais de coleta seletiva. Os catadores de rua

aparecem nesses estudos sempre de forma negativa, isto é como pessoas que não conseguem se inserir em regime cooperado e que têm dificuldades de conviver com regras coletivas. São alvo, assim, de um processo de culpabilização, embora sejam vítimas de um sistema que não consegue incluí-los sem impor um padrão ideal de comportamento.

O paradigma vigente é que se o catador não catador não se insere em uma cooperativa ou associação ele está fora de políticas públicas, não tem acesso a direitos e reconhecimento social. Essa lógica reforça a invisibilidade da contribuição desse trabalho ao definir taxas de reciclagem¹⁹ excluindo completamente a atividade desses catadores que atuam na coleta seletiva informal. Existem poucos esforços que procuraram mensurar, mesmo que através de estimativas a contribuição da reciclagem informal para as cidades brasileiras e para o meio ambiente.

Uma das contradições do modelo econômico da reciclagem é a dependência de geração contínua e crescente de lixo que afeta a renda de todos os tipos de catadores. Quando a situação econômica muda e as pessoas diminuem o consumo, consequentemente a quantidade de lixo vai ser reduzida causando um impacto na renda de quem depende desse grande volume disposto nas ruas da cidade para transformá-lo em recursos financeiros. Esse paradoxo precisa ser superado. A comercialização de materiais não pode ser a única receita desse sistema. É preciso considerar que a coleta, transporte, beneficiamento (aqui colocado como triagem e prensagem) e comercialização são serviços realizados pelas organizações de catadores e precisariam ser pagos. Uma estratégia que está sendo utilizada de forma experimental em Belo Horizonte é a contratação das cooperativas de catadores pelo poder público, mas ainda não temos estudos e nem práticas que conseguem discutir instrumentos de contratação para coleta seletiva que consideram o serviço de coleta de catadores de rua.

De uma maneira geral o intuito desta pesquisa foi aprofundar na experiência do trabalho dos catadores de rua para trazer questões relevantes na discussão sobre

¹⁹ As taxas de reciclagem são sempre calculadas pelos dados coletados de comercialização nos galpões de triagem de associações e cooperativas de catadores. Não há coleta de dados de produção e comercialização de atravessadores (depósitos e ferro-velhos).

modelos de reciclagem inclusiva e cooperação para desenvolvimento territorial a partir da reciclagem.

Se a escolha do sistema de tratamento de resíduos for aquele que reconhece, remunera e dá dignidade ao trabalho tanto para os catadores de rua, quanto para os catadores organizados, esse modelo poderia ser chamado de reciclagem inclusiva. Caso contrário, o que teríamos seria uma inclusão perversa na reciclagem orientada pelo combate ao trabalho na rua e confinamento de catadores em galpões de triagem mal projetados e distantes (física e simbolicamente) dos grandes centros e das comunidades.

Alguns elementos relevantes emergiram deste estudo e contribuem para formulação de recomendações orientadas sob a lógica de promoção da cooperação entre catadores organizados e catadores de rua. Mas antes de elencar as recomendações há alguns aspectos a serem considerados.

Não há um tipo ideal de catador de rua. As diferentes configurações do trabalho de catador de rua são condições que precisam ser consideradas em qualquer ação que os envolva. Se o objetivo é promover aumento de materiais recicláveis em circulação na cadeia produtiva e a consequente não aterramento desses materiais, condenar o “desvio” feito por pessoas que se configuram como coletores não seria uma posição coerente. Muitos trabalhadores que atuam na equipe de limpeza dos estabelecimentos promovem a reciclagem e quando há implantação de coleta seletiva, essas pessoas deveriam ser valorizadas e incentivadas a cooperarem com o sistema. O desvio feito por grandes empresas como shoppings e supermercados precisaria de atuação estratégica para integrar à reciclagem inclusiva, essa questão precisa ter um aprofundamento prático para construção de instrumentos de cooperação com esses atores.

A coleta de materiais de maior valor acontece pela integração dos catadores de rua ser maior ao mercado do que ao sistema de coleta. Ele não presta serviço de coleta para a prefeitura, isso é uma consequência indireta do seu trabalho, uma externalidade positiva, da qual ele próprio não se beneficia. Somente se poderia obrigar o catador a coletar todos os materiais recicláveis dispostos para coleta seletiva se todos esses materiais tivessem valor de mercado ou o poder público ou moradores estivessem dispostos a pagar por essa coleta.

Não há regulação urbana que normatize as atividades dos depósitos. E muito menos fiscalização que atue no acompanhamento da relação dos donos de depósitos e os catadores de rua. Existem relações entre os donos desses depósitos e os catadores de rua que ferem direitos humanos, situação que precisa de atenção do ponto de vista do movimento social

As recomendações realizadas como conclusão desta pesquisa são feitas sob três aspectos centrais.

O primeiro aspecto é sobre a relação entre catadores organizados e catadores de rua para construção de instrumentos que promovam a cooperação entre eles. Seria preciso avaliar em que medida os catadores organizados estão dispostos a lidar com as dificuldades em criar relações de cooperação com os catadores de rua. A opção encontrada por algumas organizações, quando se interessam na cooperação com os catadores de rua, é na compra de materiais coletados por eles. As cooperativas e associações têm preços maiores que os preços praticados pelos depósitos, isso desperta o interesse de alguns catadores de rua que optam por terem relações comerciais com a cooperativa. Essa relação de compra é complexa e precisaria ter aprofundamento nas suas potencialidades e desafios para a cooperativa ou associação não reproduzir a exploração do trabalho dessas pessoas. Seria necessário ter recursos extras para dar suporte a essa ação estratégica de cooperação, como por exemplo, um fundo para realização dos pagamento e garantia de acesso a equipamentos adequados para o trabalho. Ao realizar essa atividade de compra de materiais, as organizações de catadores tomariam espaço dos atravessadores e isso pode ser algo positivo em algumas situações e em outras poderia gerar conflitos bastante intensos. Em outros casos, a estratégia de cooperação pode se estender aos depósitos, mas são situações que precisam ser avaliadas.

O segundo aspecto condiz com as condições de trabalho em que os catadores de rua estão submetidos. Nesse sentido, seria necessário desenvolver ou projetar melhorias dos equipamentos utilizados pelos catadores de rua. Existe uma limitação, por exemplo, no desenvolvimento de projetos de carrinho para catadores de rua que, além de não conseguirem atender as demandas²⁰ dos trabalhadores, não são acessíveis.

²⁰ Os catadores necessitam de carrinhos que atendam à realidade prática e que ao mesmo tempo sejam adequados ao trabalho com menor desgaste físico, com baixo custo de manutenção, capacidade

Seria necessário entender que não se pretende coibir essa coleta de rua e sim que ela seja realizada em melhores condições e acessível financeiramente a esse público, que é altamente vulnerável economicamente.

Um terceiro aspecto, que condiz com uma discussão maior de desenvolvimento territorial a partir da reciclagem, é o de construção de dispositivos no território que dê suporte ao trabalho do catador de rua. O sistema atual precisa criar mecanismos de interlocução com esses trabalhadores para um modelo de cooperação. Nesse aspecto teríamos diversos elementos a serem desenvolvidos:

- Espaços a serem utilizados como ponto de apoio desses catadores de rua. Por exemplo, ao projetar galpões ou pequenas unidades alocadas em pontos estratégicos na cidade, os catadores de rua teriam acesso a espaços de triagem, refeitório, banheiros, balança e etc.
- Os Locais de Entrega Voluntária poderiam se transformar em pontos de recebimento em parceria com catadores de rua locais. Isso pode trazer resultados mais significativos que os do modelo atual que se configura em pontos na cidade com contêineres, quase sempre estão em péssimas condições de uso e não são bem vistos pela população. Seria preciso desenvolver um modelo que consiga inovar o formato desses locais reconhecendo o trabalho já realizado pelos catadores de rua;
- A relação direta com a comunidade se faz importante para a otimização da coleta: o envolvimento dos catadores de rua com os moradores, mediado por programas de mobilização social suplementares, pode trazer resultados devido ao caráter mais próximo com a comunidade.

A distância entre o catador de rua e as Cooperativas e Associações precisa ser reduzida com novas experiências co-concebidas com esses trabalhadores. A percepção do poder público, catadores organizados, terceiro setor e população sobre o catador de rua, informal e não organizado só vai mudar quando esses atores tiverem acesso a novas experiências de cooperação. Ao compreender a diversidade de configurações do trabalho de “reciclagem de rua” chegaremos a metodologias para intervenções na realidade mais aderentes às demandas reais dos trabalhadores

volumétrica que atende ao desejo e sua dinâmica de trabalho. Além disso, criar um modelo universal de carrinho de coleta também não é o caminho.

resultando de um real desenvolvimento na tecnologia social para reciclagem que eles mesmos desenvolveram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, H. S. et al. **A trajetória histórica e organizativa da população de risco de rua de Belo Horizonte: a construção de um movimento cidadão**. In: KEMP, V. H.; CRIVELLARI, H. M. T. (Org.). Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 49-64.

ANDRADE, H.S. **'A rua em movimento- A rua é movimento- A rua é o movimento-': a trajetória histórico-organizativa da população de rua de Belo Horizonte**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

BECKER, Howard S. 2008 [1963]. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 232 p.

BENVINDO, Aldo Z. **A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BESEN, G. R. **Coleta seletiva com inclusão de catadores: construção participativa de indicadores de índices de sustentabilidade**. 2011. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BESEN, Gina Rizpah.; DIAS, Sonia Maria. **Gestão Pública e Sustentável de Resíduos Sólidos-Uso de Bases de Dados Oficiais e de Indicadores de Sustentabilidade**. Revista Pegada Eletrônica (Online). , v. esp, p.112 - 134, 2011.

BITENCOUT, R.S.; GUIMARÃES, L. B. M; SAURIN, T. **Fábrica da inclusão: a viabilidade de concepção de um sistema produtivo inclusivo**. In: Congresso Brasileiro de Ergonomia, 13, 2004, Fortaleza, CE. Anais. Fortaleza: Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 12.305 de 02 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 10/abr./2016.

_____. **Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte nº 0 de 21 de março de 1990**. Destina estabelecer e promover, dentro dos princípios expressos na Constituição Federal e na Constituição Estadual, o desenvolvimento deste Município. Disponível em: <<http://bonfinopolis.mg.gov.br/site/wpcontent/uploads/2013/12/LEIORGANICA.pdf>>. Acesso em: 10/jul./2016.

_____. **Decreto nº 13.378/2008.** Regula as atividades de coleta dos materiais recicláveis, realizadas pelos depósitos, associações e cooperativas de trabalho e a ação dos catadores no Município. Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=986707>>. Acesso em: 10/jun./2016.

_____. **Decreto nº 5.940 de 25 de outubro de 2006.** Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/decreto/d5940.htm>. Acesso em: 10/set./2016.

BRINGHENTI, JR. **Coleta Seletiva de Resíduos Sólidos Urbanos: Aspectos Operacionais e da Participação da População.** São Paulo; 2004. [Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

CHARMAZ, K.A. **Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa.** Porto Alegre: Artmed; 2009.

COSTA, D. L. R. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua.** 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; DIAS, Sonia Maria et al. **Informação e trabalho: uma leitura sobre os catadores de material reciclável a partir das bases públicas de dados.** In: KEMP, V. H & CRIVELLARI, H. M.T. (org.). *Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DIAS, S.M.; MATOS, M. **Fórum Lixo & Cidadania – Inovação institucional na formulação de políticas públicas de resíduos sólidos.** In: KEMP, V. H & CRIVELLARI, H. M.T. (org.). *Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DIAS, Sonia Maria. **Fórum Municipal Lixo e Cidadania: plataforma de inclusão e participação social.** Resumos de Políticas da WIEGO. Cambridge: WIEGO, 2011. Disponível em: <www.cidadesinclusivas.org>. Acesso em: 22/nov./2016.

_____. **Gestão de resíduos sólidos, catadores, participação e cidadania – novas articulações?** ResearchReport Series. Cambridge: WIEGO, 2010.

_____. **Visão geral dos instrumentos legais para a inclusão de recicladores informais na gestão de resíduos sólidos no Brasil.** Resumos de Políticas da WIEGO. Cambridge: WIEGO, 2011.

_____. **Construindo a cidadania: avanços e limites do Projeto de Coleta Seletiva em Parceria com a ASMARE.** Dissertação (mestrado). Belo Horizonte: IGC/Programa de Pós-graduação em Geografia da UFMG, 2002.

ENGINEER, E.; FERREIRA, J.A.; ADLER R.R. **Reciclagem: Mito e Realidade.** Rio de Janeiro: In Fólio, 2005.

FERREIRA, L.C.D; LUTTNER, C.M.A.; SILVA, L.R.; SOUZA, M.A. **ASCARUNA: A experiência da inclusão de catadores avulsos em Itaúna/MG**. IN: Encontro Nacional Conhecimento e Tecnologia: Inclusão Socioeconômica de Catadores de Materiais Recicláveis. Agosto de 2014. Brasília. Disponível em: <<http://biblioteca.participa.br/jspui/bitstream/11451/1108/1/009%20-%20Relato.pdf>>. Acesso em: 22/out./2017.

FREITAS, M.V.O. **Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

FREITAS, Maria Vany; NEVES, Magda. **Cidade e Trabalho: as experiências dos catadores de papel em Belo Horizonte**. In: KEMP, V. H & CRIVELLARI, H. M.T. (org.). Catadores na cena urbana: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GARCIA, R. C. et al. **O direito ao trabalho e a necessidade de uma política nacional de inclusão produtiva**. In: Fome Zero: uma história brasileira. Brasília: MDS, 2001. v. 2, 265p.

GLASER, BG; STRAUSS AL. **The discovery of grounded theory: Strategies for. Qualitative Research**. Chicago: Aldine, 1967.

GONÇALVES, Pólita. **A reciclagem integradora dos aspectos ambientais, sociais e econômicos**. Rio de Janeiro: DP&A/Fase, 2003.

GOULART, Fabiana & LIMA, Francisco, de P. **Eficiência e solidariedade nas associações de catadores de materiais recicláveis**. WorkingPaper8, Cambridge: WIEGO, 2012. (Parte 5). Disponível em: <www.cidadesinclusivas.org>. Acesso em: 20/mai./2016.

JACOBI, P.; TEIXEIRA, M.A. **Criação do capital social: o caso Asmare**. Cadernos Gestão Pública e Cidadania, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1996, p. 49-118.

JUSTO, M. G. **Vida nas ruas de São Paulo e alternativas possíveis: um enfoque socioambiental**. InterfacEHS, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 1-27, 2008.

KRAYCHETE, Gabriel; SANTANA, André. **Economia dos setores populares e inclusão socioprodutiva: conceitos e políticas públicas**. In: Mercado de trabalho: conjuntura e análise /Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho e Emprego. n. 52, agosto,2012. Brasília: Ipea, MTE, 2012. p. 55-62.

KRONEMBERGER, Denise. **Desenvolvimento local sustentável – uma abordagem prática**. (Parte “Elaboração do Diagnóstico Participativo), São Paulo: Editora Senac, 2011, p.126-161.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental**. Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, v. 3, 2002.

MAGNI, A.A.C, GÜNTHER, W.M.R. **Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua**. Revista Saúde e Sociedade, São Paulo, v.23. n1. p.146 – 156. 2014

MOREIRA, I. de C. **A inclusão social e a popularização da ciência e da tecnologia no Brasil**. Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set., 2006.

PINHEL, J.R. (Org.) **Do Lixo à Cidadania: guia para formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Peirópolis, 2013. 239 p.

RUTKOWSKI, Jacqueline; LIMA, Francisco; OLIVEIRA, Fabiana. **Aprimoramento da gestão de resíduos sólidos urbanos por meio de incentivo à reciclagem: uma metodologia para cidades mais sustentáveis**. In: Anais III Conferência Internacional de Gestão de Resíduos Sólidos, GRAL 2013, IWWG – Internacional WasteWorkingGroup, ABES/SP, ABRELPE. São Paulo/SP, 2013b.

RUTKOWSKI, Jacqueline; VARELLA, Cinthia; CAMPOS, Larissa. **A Reciclagem de Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil: Desafios e Oportunidades para ampliação**. XI Seminário Nacional de Resíduos Sólidos – Desafios para Implantação da Política Nacional. Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental – ABES. Brasília. 2012

SACHS, Ignacy; Lopes C., Dowborl. **Crises e oportunidades em tempos de mudança**. Documento de referência para as atividades do núcleo Crises e Oportunidades no Fórum Social Mundial Temático. Bahia: Janeiro, 2010.

SANTOS, T.S. **Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital**. In: Scielo, Sociologias. nº.6 Porto Alegre July/Dec. 2001.

SANTOS, W.G. **Cidadania e justiça - a política social na ordem brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

SILVA, Marcelo Kunrath; MICHELOTTI, Fernando Canto. **Conflitos por reconhecimento na modernidade periférica entre a igualdade e a distinção**. Revista Política & Sociedade. Número 14- Outubro de 2009. P.447 – 474.

SILVA, P.H.I. **O que fazemos do que fazem de nós: trajetórias sociais e militância entre os catadores de materiais recicláveis no Brasil**. Brasília. Tese de doutorado. 2015.

SILVA, S. P.; GOES, F. L; ALVAREZ, A. R. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável**. Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. 2013.

SUPERINTENDENCIA DE LIMPEZA URBANA – SLU. PMGIRS-BH – **Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos**. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://ecp.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=planoresiduosbh&tax=52094&lang=pt_BR&pg=10667&taxp=0&>. Acesso em: 27/nov./2016.

VIANA, M. A. C. et al. **População de rua: quem é, como vive e como é vista**. São Paulo: Hucitec, 1992.

WALDMAN, Maurício. **Reciclagem, Catadores e Gestão do Lixo: Dilemas e Contradições na Disputa pelo que Sobra**. Paper elaborado como subsídio para Palestra Política Nacional de Resíduos Sólidos, proferida em 19-05-2011 no Auditório de Serviço Social do Comércio de Santos (SESC-Santos), atividade integrante do Encontro sobre Destinação dos Resíduos Sólidos – Reflexões e Propostas sobre o Lixo Urbano. Organização: SESC-Santos, Fórum da Cidadania de Santos e IBAMA. Apoio: Secretaria de Meio Ambiente de Santos. 19 a 12-05-2011. WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 p.